

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

LUCAS LEMOS DOS SANTOS

METODOLOGIAS ATIVAS NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Porto Alegre
2024

LUCAS LEMOS DOS SANTOS

METODOLOGIAS ATIVAS NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação apresentado ao Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do Título de Licenciado em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Carlos Castrogiovanni

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha mais profunda gratidão às pessoas que possibilitaram a conclusão deste trabalho. Primeiramente, minha família pelo apoio ao longo de todos esses anos. Aos meus pais, Jorge Antônio Mota dos Santos e Ana Lúcia Lemos dos Santos, sou eternamente grato pelo amor, carinho e apoio, que foram fundamentais para minha jornada até aqui, especialmente por acreditarem que os filhos poderiam entrar e ter a oportunidade de estudar em uma universidade pública como a UFRGS. Aos meus queridos irmãos, Tiago, Talita, e Raysa por estarem sempre ao meu lado, na medida do possível.

Agradeço também aos meus amigos, que, com certeza, contribuíram para o meu crescimento pessoal e acadêmico. Cada conversa, troca de ideias, apoio em diversos momentos foram essenciais na minha vida

Aos professores que cruzaram meu caminho ao longo dessa jornada na universidade, tenho a gratidão por todo o conhecimento, experiências e vivências compartilhados nesse aprendizado contínuo.

Não poderia deixar de mencionar meu orientador, Antonio Carlos Castrogiovanni cuja orientação, apoio e suporte foram importantes para conclusão deste trabalho. Mesmo em poucos encontros, conseguiu passar a sua confiança em mim, fundamentais para este fechamento.

RESUMO

Este trabalho aborda as metodologias ativas no ensino de Geografia com as experiências vivenciadas no Programa Residência Pedagógica (RP), no Colégio Estadual Coronel Afonso Emílio Massot, em Porto Alegre – RS. O objetivo principal foi analisar como essas metodologias ativas colaboram para o processo de ensino e aprendizagem dos alunos. Para além deste objetivo principal, este trabalho também busca identificar as principais dificuldades para inserção de metodologias ativas nas aulas e o ensino de Geografia para os professores. A pesquisa apresenta uma busca bibliográfica em como essas metodologias podem contribuir para o ensino de Geografia, mostrando caminhos para o desenvolvimento das práticas escolares através das sequências didáticas. Para a elaboração dessas sequências foi utilizada a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) no componente curricular Geografia. Na experiência aplicada as metodologias ativas foram com alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA). A partir disso, dos desafios colocados foi possível entender as dificuldades para a utilização de metodologias ativas em sala de aula. Como resultados, percebeu que a aplicação no ensino de Geografia, especialmente no contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA), trouxe uma aprendizagem relevante e significativa. Nas sequências didáticas elaboradas com base na BNCC podemos entender como auxiliam para o desenvolvimento de habilidades geográficas e uma aprendizagem mais autônoma dos alunos.

Palavras-chave: Metodologias Ativas; Ensino de Geografia; Programa Residência Pedagógica; Identidade Docente.

ABSTRACT

This paper discusses active methodologies in the teaching of Geography, based on the experiences of the Pedagogical Residency Program (PR) at Colégio Estadual Coronel Afonso Emílio Massot, in Porto Alegre - RS. The main objective was to analyze how these active methodologies contribute to the students' teaching and learning process. In addition to this main objective, this work also seeks to identify the main difficulties for teachers in introducing active methodologies into their classes and teaching Geography. The research presents a bibliographical search on how these methodologies can contribute to the teaching of Geography, showing ways to develop school practices through didactic sequences. The National Common Core Curriculum (BNCC) was used to prepare these sequences in the Geography curriculum component. In the experience applied, the active methodologies were with students from the Youth and Adult Education (EJA). The challenges posed made it possible to understand the difficulties in using active methodologies in the classroom. As a result, it was realized that the application in the teaching of Geography, especially in the context of Youth and Adult Education (EJA), brought relevant and meaningful learning. In the didactic sequences developed based on the BNCC, we can understand how they help to develop geographical skills and more autonomous learning for students.

Keywords: Active: Methodologies; Geography Teaching; Pedagogical Residency Program; Teacher Identity.

LISTA DE FIGURAS

Quadro 1 - Explicação dos objetivos	22
Figura 1 - Características das Metodologias Ativas	27
Figura 2 - Fluxograma da Aprendizagem Baseada em Problemas.....	32
Figura 3 - Fluxograma da Aprendizagem Baseada em Projetos	33
Figura 4 - Fluxograma da Sala de aula invertida.....	35
Tabela 2 - Sequência didática 1 - Primeira etapa	37
Tabela 3 - Sequência didática 1 - Segunda etapa	37
Tabela 4 - Sequência didática 1 - Terceira etapa.....	39
Tabela 5 - Sequência didática 2 - Primeira etapa	39
Tabela 6 - Sequência didática 2 - Segunda etapa	40
Tabela 7 - Sequência didática 2 - Terceira etapa.....	42
Figura 5 - Grupo de alunos da EJA	55
Figura 6 - Grupo de alunas da EJA	55
Figura 7 - Slide sobre as famílias em 1930	57
Figura 8 - Slide sobre as famílias atualmente.....	57
Figura 9 - Slide sobre a evolução da população urbana regional.	58
Figura 10 - Slide sobre a evolução da população rural regional	58
Figura 11 - Slide do gráfico apresentando a evolução total da população	59
Figura 12 - Slide apresentando a diversidade das famílias brasileiras de 1980 a 2010.....	59
Figura 13 - Slide apresentando a notícia do aumento da população idosa.....	60

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
1.2	JUSTIFICATIVA.....	18
1.3	OBJETIVO.....	15
1.3.1	Objetivo Geral	21
1.3.2	Objetivos Específicos	21
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	20
2.1	O QUE SÃO AS METODOLOGIAS ATIVAS	21
2.2	SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS.....	35
2.3	A GEOGRAFIA ESCOLAR E AS NOVAS METODOLOGIAS.....	42
2.4	O PENSAMENTO GEOGRÁFICO NAS METODOLOGIAS ATIVAS	47
3	METODOLOGIAS ATIVAS PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA.....	51
3.1	BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC)	52
4	RELATO SOBRE O USO DAS METODOLOGIAS ATIVAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA).....	54
5	CONSIDERAÇÕES NÃO TÃO FINAIS.....	62
	REFERÊNCIAS	65

1. INTRODUÇÃO

O entendimento sobre a educação, ao longo da formação acadêmica, gera diversas discussões, metodologias, conceitos e reflexões que contribuem para o desenvolvimento de práticas. O presente trabalho busca reflexões sobre a identidade docente, como metodologias, abordagens, ensino, mas principalmente o ensino de Geografia pode ser melhorado para a educação. Desta forma, foram considerados os processos vivenciados durante essa trajetória, as etapas cumpridas e a influência na construção de quem um dia nos faz pensar como futuros profissionais.

Abro esse momento para falar um pouco sobre quem sou e as motivações que me fizeram pesquisar sobre esse trabalho. Quando iniciei a minha trajetória na universidade, tive cadeiras importantes que nos instigavam a pensar os momentos vividos como alunos em época de escola, a nossa trajetória, os sentimentos vividos, as relações com os professores, que de alguma forma, moldaram a minha formação, me marcou, deixando registros bons e ruins na minha vida. Quem éramos naquele tempo de escola? Em alguns momentos e claro, nessas cadeiras na universidade não fazíamos a relação entre o eu aluno na escola e o eu aluno na universidade. Não pensava muito sobre isso, mas a partir do momento que pisei numa sala de aula, aos poucos, comecei a entender algumas das etapas como estudante. E foi através dessas reflexões e de outros momentos, contextos, pessoas com quem tive convívio que entendi um pouco mais sobre a relação do eu aluno e a minha formação como professor.

A reflexão fez eu chegar a um ponto de me perguntar: Qual a minha função como educador? Pensei e sigo pensando em como podemos desenvolver um ensino que possa colaborar da melhor forma possível, a formação como professor e aqueles que estão comigo em sala de aula, no caso, meus alunos. Claro, que durante esses caminhos sempre virão as dúvidas sobre quem sou, do aluno que fui, do professor, da pessoa. Essas dúvidas sobre as futuras pretensões na qual sempre buscamos, acabam vindo naturalmente durante o percurso da vida. E não podemos deixar de pensar que os caminhos estão aí para serem traçados, entendidos, refletidos, praticados e sentidos. É estar a todo momento se transformando, desconstruindo e construindo ideias no seu entorno. É a partir do meu dia a dia, melhorar em todos os aspectos de quem eu sou, principalmente quando estou numa sala de aula. É ali que me vejo realizado, me revigora e vem um sentimento de cumprir um dever. Quando fecho a porta e início as minhas

aulas, tenho a sensação de que posso mudar alguma coisa no lugar onde estou inserido, e então como isso pode mudar para os meus alunos em relação ao seu entorno? São perguntas feitas durante essas etapas.

A Geografia, sempre esteve junto comigo, colaborou para traçar caminhos na minha formação. Me trouxe experiências importantes, relações com pessoas fantásticas, de diferentes contextos, de diferentes ideias de mundo que me fizeram crescer. A Geografia e a educação me mostraram a sua importância de como elas são essenciais principalmente na formação de pessoas.

Me fez refletir, me colocou perguntas e questionamentos que foram feitas durante essa trajetória: O que torna a Geografia importante para mim e para as pessoas? O que é significativo na Geografia e o que deve ser ensinado? O que na Geografia pode ser importante na vida de um aluno? São todos questionamentos gerados na graduação que, acredito, todos se fizeram. São indagações quase obrigatórias, subjetivas e sem uma resposta definitiva.

No período de pandemia foi o momento em que me fiz mais perguntas, busquei compreender um pouco mais o que é ser um educador. Além da educação, e do pouco que falei da Geografia, me vi diante de um novo panorama. Vieram quase que instantâneas as ferramentas de comunicação para a utilização das aulas online que acabaram surgindo naquele período. Foi assim que vi e entendi um pouco mais sobre uso de tecnologias e as possibilidades de inclusão em prováveis aulas.

Comecei a entender como essas novas ferramentas nos dá oportunidades de aproximar pessoas, de auxiliar nas aulas, de mudar algumas coisas a partir delas. Sabemos que o mundo da comunicação é uma realidade e tudo o que está acontecendo, às vezes, está apenas na palma das nossas mãos. Algo que em alguns anos atrás não se pensava nessa possibilidade. Hoje está mais próximo e um pouco mais acessível.

Mesmo com os avanços tecnológicos de hoje e as ferramentas educacionais, sabemos que nem todos podem ter esse acesso. Houve, claro, um esforço enorme para que os estudantes tivessem, em termos educacionais, a figura de um professor. Os estudos tinham que continuar, as atividades eram propostas, encaminhadas, definidas para que as escolas não parassem. Fomos colocados a prova em um contexto pandêmico, diferente de algo novo, nunca visto, transformando as relações que tínhamos. A partir daí, conseguimos ter uma ideia e visualizar a importância dos professores, uma das engrenagens fundamentais para manter a qualidade do ensino.

Ressaltamos a capacidade de todos nós em se adaptar a um novo momento, engajarmos nas nossas atuações, diminuir as distâncias entre professores e os alunos. Sabemos o que foi dar uma aula adaptada, uma aula de incertezas naquele momento. A importância da educação, principalmente o papel do professor foi fundamental para perceber como parte da sociedade enxerga essa profissão.

Queremos que a educação comece a pensar e a se adaptar a esse novo momento. O conhecimento não é a simples transmissão de informação, está além disso. É preciso ter a consciência que a educação deve desenvolver habilidades, trazer discussões, fazer as críticas necessárias, buscar e analisar quem são esses novos alunos. O ambiente de aprendizado é a sala de aula e esse espaço deve ser essencial para que o professor seja o chamado facilitador dos seus alunos, um guia, um orientador. Para isso precisamos repensar, refletir e construir.

Tenho, hoje, a clara ideia de que os desafios são enormes e as condições de trabalho não as mais fáceis, porém também sei da capacidade que temos em enfrentar as demandas do dia a dia, além das questões emocionais que a educação nos proporciona.

Por isso, trago a elaboração de sequências didáticas a serem implementadas nas etapas iniciais, especialmente nos anos finais do ensino fundamental. É por esse motivo que temos como meta objetivos claros, e um deles é a busca por uma educação melhor, principalmente para aqueles que estão e estarão nessa trajetória. É uma das finalidades deste trabalho, propor caminhos que estejam alinhados na construção de novas ideias para a educação, tendo como base o aprendizado dos alunos em sala de aula e aquilo enxergamos como possível no presente e no futuro.

1.2 JUSTIFICATIVA

A justificativa para este trabalho está baseada nas propostas que estão sendo implementadas nas escolas e no ensino de Geografia, impulsionadas claramente pelas mudanças socioculturais e pelas futuras gerações que utilizam as tecnologias para uma melhor compreensão das práticas pedagógicas. As metodologias ativas trazem uma abordagem essencial para estimular os alunos, sendo uma aprendizagem significativa, crítica e participativa. O aluno torna-se o grande centro do processo e da construção do conhecimento, recebendo a autonomia necessária.

A Geografia é aquela que faz os alunos compreenderem seu lugar no mundo, incentivando também a questionar, criticar e transformar esse lugar. O ensino em Geografia deve ser criativo, reflexivo e envolver os educandos em todos os aspectos. Deve ser um ensino que estimule o interesse pela curiosidade, pelo protagonismo de todos em sala de aula.

O desenvolvimento do pensamento geográfico nos coloca numa perspectiva para entender a complexidade do mundo lá fora, na interação de uma série de fatores como físicos, naturais, culturais, econômicos e sociais. Através das mais diferentes questões, os alunos têm uma ideia sobre o que é o planeta em que vivemos. Tudo isso é posto, a educação e a Geografia caminham juntas e estão alinhadas com as novas ideias de mundo, com o papel que os professores devem exercer nas escolas.

Ainda que a Geografia, ao longo dos anos tem enfrentado dificuldades que acabam afetando o contexto educacional, principalmente, a não valorização dela mesma nas escolas, os alunos possuem uma grande dificuldade de entendimento sobre aquilo que é proposto. Além disso, a formação de professores qualificados, provocados e reflexivos em suas práticas para o enfrentamento desses desafios, também acabam dificultando os processos de melhorias para ensinar Geografia, sendo colocada de lado, muitas vezes, por outras disciplinas, pelos alunos durante a carreira escolar.

A formação dos professores está há anos sendo debatida e é um desafio recorrente, pois, às vezes, não estamos preparados para lidar com as demandas e as complexidades que as escolas proporcionam. A falta de estrutura das instituições de ensino, a falta de aprofundamento que a Geografia proporcionou durante anos e segue proporcionando dos conhecimentos geográficos é algo que também deve ser levado em consideração, pois continua como uma disciplina extremamente atualizada ao contexto do mundo atual.

Outro grande problema é a forma como o conhecimento geográfico está fracionado, tanto na academia quanto no contexto das escolas. Esta divisão em excesso ocasiona o não conhecimento e acaba prejudicando como ciência, resultando na especialização e na criação de diversas subáreas e campos de estudo, como Geografia Humana, Geografia Física, Geografia Urbana etc. Sendo um dos fatores relevantes para compreendermos melhor as dificuldades no ensino de Geografia.

Na Geografia Acadêmica, se procura compreender e explicar as complexas relações entre sociedade e espaço através de uma análise crítica e teórica. Já a Geografia Escolar, muitas vezes, se concentra em uma abordagem mais descritiva, influenciada pela forma como as escolas, tradicionalmente tratam os conteúdos a serem trabalhados com os alunos. A inadequação das distâncias entre a teoria e a prática no ensino acaba por impedir a aplicação dos conhecimentos e conceitos adquiridos na academia no contexto escolar.

A forma tradicional descontextualizada dos conteúdos, vem durante anos de história da disciplina. Desde a sua formação o ensino de Geografia esteve relacionado a uma ideia descritiva e paralisada do que estava ocorrendo no mundo, sem dinamismo. Esteve durante anos na função de classificação de lugares e regiões pelo globo em uma visão eurocêntrica e colonialista sem perceber a hierarquização e dominância dos conhecimentos produzidos.

Muitos e muitos anos essa estrutura foi se instaurando no sistema educacional e ainda hoje se mantém de forma relevante nas escolas. Infelizmente, essa abordagem tem impactos no processo de ensino-aprendizagem e no desenvolvimento dos alunos, pois mostra que a compreensão superficial, a capacidade de análise, as relações e interações entre a sociedade e o espaço se tornam limitados. O que acaba contribuindo também para o não interesse por parte dos alunos nas aulas de Geografia. Em um contexto cada vez mais “conectado” e complexo, a Geografia desempenha um papel fundamental na preparação dos alunos para compreender o que está fora dos muros da escola.

Devemos encontrar soluções e os métodos para superar os desafios de ensino e promover uma educação geográfica de qualidade. A capacitação continuada dos professores, a criação de materiais didáticos contextualizados e a promoção de práticas pedagógicas mais dinâmicas e interativas são alguns dos caminhos que podem ser seguidos. A formação de professores, o desenvolvimento de competências relacionadas a um aprendizado mais interessante para os alunos, a forma como serão utilizadas as novas tecnologias educacionais,

as avaliações, as habilidades que terão que desenvolver para um ensino mais participativo e com maior autonomia. É dessa forma que as metodologias ativas podem colaborar para que tenhamos uma educação diferente daquilo que vimos durante muitos anos.

Podemos dizer que a Geografia passa por uma transição de ideias, assim como a educação, estamos passando por um momento importante para pensarmos o futuro. É fundamental pesquisar as novas tendências educacionais, pesquisar para os novos alunos que estão chegando, as novas gerações que, de alguma forma, exigem do professor saberes que estejam essencialmente colaborando para o sistema educacional. Sabemos que não é uma tarefa fácil, mas também sabemos que temos capacidade para trazer entre debates, discussões e ideias, um futuro promissor para a educação, principalmente no Brasil.

Mesmo que ainda existem desafios e uma certa resistência para as novas mudanças que estão surgindo. A qualidade do ensino deve promover o desenvolvimento dos alunos, por meio de um pensamento crítico sobre seu contexto de vida, sobre a realidade de uma forma geral, buscando um desenvolvimento que instigue a criatividade, e para que isso seja uma realidade será necessário ter estruturas e espaços adequados para práticas pedagógicas e o pleno desenvolvimento.

É por esses motivos que devemos analisar como as metodologias ativas estão sendo implementadas, quais são suas origens, princípios, desafios e perspectivas futuras. A contribuição é para podermos aprofundar o debate sobre a educação e seu desenvolvimento, atendendo da melhor forma possível às questões voltadas para os alunos e professores em sala de aula.

1.3 OBJETIVO

A seguir são descritos o objetivo geral e os objetivos específicos.

1.3.1 Objetivo Geral

Analisar as metodologias ativas no processo de ensino e aprendizagem, tornando como experiência o Programa Residência Pedagógica da CAPES.

1.3.2 Objetivos Específicos

Para alcançar o objetivo geral precisamos definir os objetivos que vão dar a base a nossa pesquisa que são eles:

- Identificar e revisar as principais metodologias ativas aplicadas no contexto para o ensino de Geografia, destacando suas características e princípios.
- Analisar de que forma as metodologias ativas atuam na motivação dos alunos em relação ao aprendizado de Geografia.
- Identificar eventuais desafios e barreiras enfrentados pelos professores na aplicação de metodologias ativas no ensino de Geografia.
- Propor percursos para tornar o processo de ensinar e aprender mais qualificado.

Quadro 1 - Explicativo dos objetivos

	O que	Por quê	Como
Objetivo Geral	Analisar as metodologias ativas no processo de ensino e aprendizagem, utilizando como experiência o Programa Residência Pedagógica da CAPES.	Para compreender o impacto das metodologias ativas no ensino de Geografia e melhorar a prática pedagógica.	Análise crítica das metodologias ativas e suas aplicações no contexto do ensino de Geografia.
Objetivo Específico 1	Identificar e revisar as principais metodologias ativas aplicadas no contexto para o ensino de Geografia, destacando suas características e princípios.	Para entender as diferentes abordagens pedagógicas e suas implicações no ensino de Geografia.	Revisão e pesquisa bibliográfica.
Objetivo Específico 2	Analisar de que forma as metodologias ativas atuam na motivação dos alunos em relação ao aprendizado de Geografia.	Para avaliar como as metodologias ativas influenciam o interesse dos alunos.	Observações em sala de aula e as práticas aplicadas.
Objetivo Específico 3	Identificar eventuais desafios e barreiras enfrentados pelos professores na aplicação de metodologias ativas no ensino de Geografia.	Para compreender os obstáculos que podem limitar a eficácia das metodologias ativas.	Observações participativas em narrativas de experiências em sala de aula.
Objetivo Específico 4	Propor percursos para tornar o processo de ensinar e aprender mais qualificado.	Para sugerir estratégias e recursos que possam aprimorar o ensino de Geografia com metodologias ativas.	Análise de resultados das pesquisas e elaboração de propostas pedagógicas reflexivas.

Fonte: Elaborado pelo autor. 2024

2. REFERENCIAL TEÓRICO

As metodologias ativas representam uma abordagem pedagógica diferente da educação tradicional, enraizada nas escolas há anos. É uma abordagem que coloca o aluno no centro do processo, buscando promover a participação e proporcionar a autonomia necessária para desenvolver o aprendizado. Diferentemente da escola que estamos ainda hoje, nas metodologias ativas, o professor não é apenas o emissor de informações para os alunos, que as absorvem de forma passiva. Nas metodologias ativas, busca-se a construção de habilidades necessárias para o crescimento dos alunos durante todo o período escolar.

O professor atua como orientador, mediador, contribuindo para a construção conjunta do conhecimento na sala de aula. Para isso, o aluno não deve ser apenas o receptor de informações, o memorizador de aulas expositivas e exercícios de fixação de conteúdo. A construção deve ser conjunta entre professor e aluno é o que Moraes (2010) aborda:

As práticas e reflexões devem estar relacionadas não apenas ao conteúdo, mas à própria forma de se trabalhar com o ensino e aprendizagem, mostrando, por meio dessa prática, que os conhecimentos dos alunos acerca do que observam é realmente o ponto de partida e da organização da aula estruturada pelo professor, não sendo o professor o único detentor do saber científico (Moraes, 2010, p.204).

O que é destacada pela autora mostra o fundamental para a construção do conhecimento em sala de aula. Devemos reconhecer que os alunos possuem saberes prévios e vivências significativas, o professor pode utilizar esses conhecimentos como ponto de partida para o processo de ensino-aprendizagem. O professor cria oportunidades para que os alunos expressem suas visões e contribuam para a construção coletiva do entendimento. É o que nos traz Castrogiovanni e Costella (2006, p.17) para que ocorra essa construção com os alunos “uma educação construtivista é aquela que lida com a aprendizagem através da vivência, da interação com o que queremos aprender. É como se o aluno experimentasse o saber antes de conhecê-lo”.

Portanto, ao descentralizar o papel do professor como único detentor do saber científico, os educandos devem colaborar mais intensamente, sendo mais ativos na construção do conhecimento. Segue os autores sobre esse momento trazendo o aluno para as aulas:

Dentro de uma instituição educacional o papel do professor não pode ser mecânico, repetitivo ou estático. O processo pedagógico é uma troca constante. Ele é tenso e dinâmico. A sua função não se assemelha a outras em que o fazer repetido lhe dá mais segurança e habilidade. A habilidade do professor está no novo, não na reprodução; está no desafio em alterar, através de práticas criativas e sempre contemporâneas (Castrogiovanni; Costella, 2006, p.25).

Com isso, os professores precisam entender como a abordagem inicial das aulas podem contribuir uma construção do saber entre todos na sala de aula. E assim complementam que “partir do conhecimento prévio dos alunos sobre o assunto e respeitar a carga de experiências conquistadas intensificará o desenvolvimento de habilidades e posteriores utilizações do conhecimento” (Castrogiovanni; Costella, 2006, p.27).

2.1 O QUE SÃO AS METODOLOGIAS ATIVAS

As metodologias ativas têm ganhado espaço e exercem uma mudança de perspectiva sobre o que se pensa para a educação no futuro. Essas metodologias têm um foco pedagógico tanto em instituições formais quanto em ambientes não formais. Observamos que nas escolas, na formação de professores, na sala de aula, ainda seguem abordagens tradicionais que, de alguma forma, têm mudado aos poucos, talvez não o suficiente.

Nessa perspectiva, Castellar (2016) pontua que as metodologias ativas tenham uma conexão entre o conteúdo, práticas pedagógicas, processo de ensino e aprendizagem significativa. Em um contexto tradicional, os professores seguem sendo aqueles que transmitem as informações para seus alunos e, por isso, enxergamos a necessidade de mudança através de uma outra perspectiva. Conforme descrito "deve-se compreender o como, que se vincula à didática, às metodologias, ou seja, aos métodos de ensinar, para que o aluno possa fazer suas descobertas, construir seu conhecimento, aprender conteúdos com as inovações”(Castellar, 2016, p.17). A proposta da autora mostra a importância de os educadores repensarem as suas práticas ao adotar métodos que estimulem a autonomia dos alunos e o desenvolvimento de habilidades críticas.

Precisamos entender também os motivos que levam o desinteresse dos alunos em estar numa sala de aula. Sabemos que não é um fenômeno isolado, no caso, os fatores que fazem os alunos a não se interessar pelas aulas são diversos, e estão interligados. A sobrecarga de tarefas e as atividades que não tenham um significado sobre o que estão aprendendo são alguns dos motivos.

A falta de motivação para aprender, sem um apoio, sem um ambiente escolar acolhedor, acabam trazendo problemas para a sala de aula. Isso pode afetar também os professores, pois é um desafio manter os alunos envolvidos e comprometidos se o contexto escolar não colabora para uma sala de aula interessante para todos.

Entender os motivos que levam essa desmotivação, já é um passo importante para depois pensarmos nos desafios em lidar com esse enfrentamento. Em suas palavras, Nóvoa (2022) reflete sobre o formato escolar atual:

A educação já não cabe no formato escolar do final do século XIX. Eu gosto da escola e da cor das suas paredes. Mas isso não me leva a perpetuar um modelo que não serve para educar as crianças do século XXI. A escola precisa da coragem da metamorfose, de transformar a sua forma (Nóvoa, 2022, p.15).

A citação de Nóvoa (2022) convida a questionar o modelo escolar do século XXI, indicando a importância de repensar em como será organizado daqui para a frente, além das práticas educacionais. Essa reflexão proposta aponta para rever a adaptação do ambiente escolar, considerando, claro, os desafios que os professores enfrentam em relação a tudo que foi apresentado anteriormente.

A falta de estrutura das escolas, a falta de materiais e a recém implementação de novas ferramentas acabam dificultando na transformação de um processo demorado. Muitas escolas não possuem computadores, acesso à internet, recursos audiovisuais que ajudam em aulas mais dinâmicas e interativas com os alunos.

Devemos então pensar em políticas educacionais que promovam uma qualidade no ensino, o acesso à educação e a permanência de estudantes na escola.

Como dito antes, o espaço físico escolar deve ser de acolhimento e com um ambiente favorável para o convívio junto ao aprendizado. A sua abordagem, deve ser feita para aqueles que tenham problemas socioemocionais, combatendo a redução da evasão e entendendo as necessidades dos alunos no aprendizado e no ambiente escolar.

Nóvoa (2022) pontua a importância sobre os ambientes de aprendizado:

O mais importante é a construção de ambientes educativos coerentes, que permitam concretizar o que, há muito, dizemos que é preciso fazer: envolvimento e participação dos alunos, valorização do estudo e da pesquisa, aprendizagens cooperativas, currículo integrado e multitemático (Nóvoa, 2022, p.27).

Então, a criação de espaços que permitam o acolhimento para educar é o que devemos considerar para o futuro. Podemos dizer que temos resquícios, temos exemplos de que hoje, mesmo com todo o cenário da era da comunicação, com acesso a diferentes e variadas informações, mantemos práticas implementadas há muito tempo.

Incluem-se as cadeiras em fileiras, todas voltadas para o quadro, o currículo padronizado com materiais rígidos e bem definidos, provas e avaliações padronizadas, notas que medem o desempenho de cada aluno e não o processo de aprendizagem, o professor como autoridade máxima, centralizador de aulas expositivas, entre tantas outras práticas.

A educação não deve ser apenas para a memorização de conteúdos repassados pelo professor. É fundamental para a formação de pessoas e para o desenvolvimento de indivíduos.

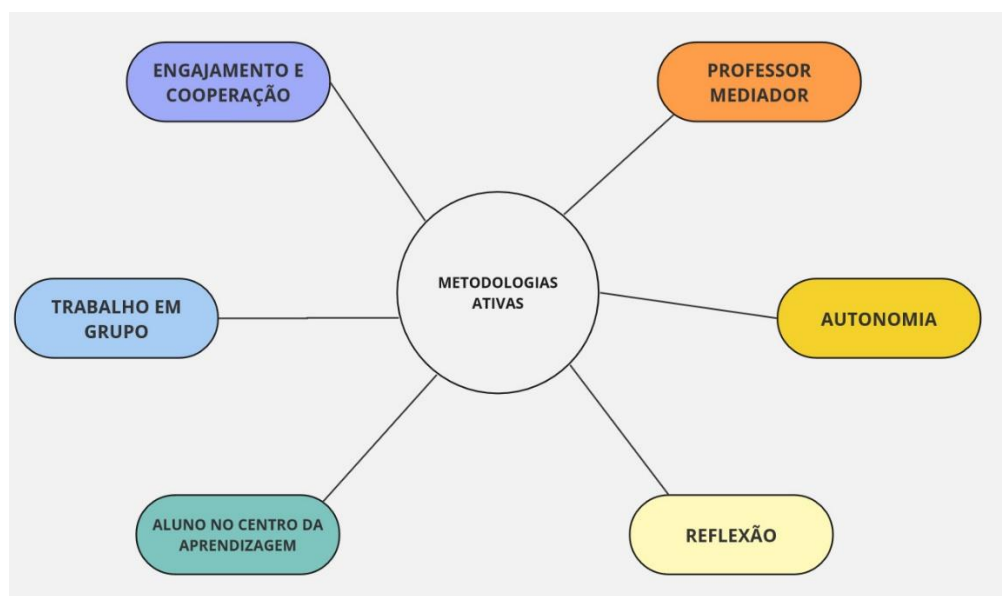
Callai (2021) enfatiza ao falar sobre a absorção destes conteúdos:

Fica cada vez mais evidente que a escola continua (e os professores também) refém de um conteúdo a ser ministrado e de uma avaliação para verificar o que foi guardado, o que está já cristalizado na memória, pronto, e a memorização passa a ser a forma mais adequada (Callai, 2021, p.63).

Ela alerta sobre a persistência de um padrão, um modelo em que a escola e os professores seguem presos na transmissão de conteúdos e ao avaliar a memorização. Callai nesse contexto, fala sobre a necessidade em pensar em algo mais amplo, que não seja simplesmente o armazenamento de informações, e sim, o desenvolvimento de habilidades cognitivas.

Com o intuito de proporcionar uma compreensão mais aprofundada das metodologias ativas, as características fundamentais são destacadas na Figura 1. A interconexão dessas características não apenas colabora para o entendimento dos alunos, também cria ambientes de aprendizado mais interessantes.

Figura 1 - Características das Metodologias Ativas.



Fonte: Elaborado pelo autor – baseado em Diesel, Baldez e Martins (2017, p. 273).

No Brasil, as metodologias ativas permanecem abertas para os debates sobre o futuro da educação. A capacidade de envolvimento das escolas com seus alunos deve ser constante, o desenvolvimento da aprendizagem, o acolhimento nos espaços escolares, o encantamento na sala de aula e a busca para entender as necessidades dos estudantes são algumas reflexões fundamentais trazidas para as discussões.

A cultura institucional nas escolas e na educação do país serve como base para entender o que é ensinar no Brasil. Existem diversas formas, mas cada professor possui uma identificação que está diretamente relacionada à adoção de novas práticas pedagógicas.

Ao adotar novas práticas, é possível que tenhamos a impressão de que não somos professores competentes o suficiente, ou até mesmo de que não estamos ensinando nossos alunos. Isso consequentemente gera resistência à mudança de ideias e estratégias pedagógicas, além de outros fatores como a necessidade por resultados, a falta de tempo para os planejamentos e as aulas.

É o que Castellar (2016) explica ao relatar sobre a falta de conhecimento por parte dos professores que se utilizam de outras formas de abordagem:

Há, ainda, resistência por parte de alguns professores em relação à aprendizagem ativa, por considerarem difícil aplicá-la quando os alunos não possuem um conhecimento mínimo necessário para que sejam trabalhados alguns conteúdos. Essa

resistência muitas vezes revela uma falta de conhecimento das estratégias que podem ser utilizadas, até por desconhecimento da existência dessa teoria (Castellar, 2016, p.71).

A resistência, muitas vezes, pode ser diminuída através do apoio escolar institucional e na ideia de capacitar os professores a integrar novas práticas pedagógicas.

É fundamental entender as práticas fazem a profissão professor refletir sobre o seu trabalho e a sua relação com a educação, a vida docente.

É o que buscamos na Geografia, os conteúdos que estão no currículo, acabam muitas vezes não fazendo sentido para os estudantes. Principalmente aqueles na área da geografia física, que são os mais específicos, com conceitos mais complexos e que acabam dificultando o aprendizado do aluno, pois são abordados na forma de memorização. Precisamos pensar uma em uma abordagem mais dinâmica que possibilite a compreensão significativa.

Os alunos devem vivenciar os conceitos geográficos, as observações das características sobre os processos naturais que moldam a paisagem, por exemplo. É o que aborda Castrogiovanni *et.al.* (2023) ao falar da relação entre a paisagem e os sujeitos:

A paisagem opera como um dos principais demonstrativos da forma como os sujeitos, em sua relação com a natureza, se apropriam do espaço, modificando-o e adequando-o conforme suas intenções, necessidades, crenças, enfim, a sua cultura (Castrogiovanni et al, 2023, p.41).

Ao considerarmos essa ideia, é possível perceber que a paisagem é mais do que um simples conjunto de elementos físicos. Ela se torna um reflexo das escolhas, práticas e significados atribuídos pelos sujeitos que o habitam. É isso que os professores devem elaborar em sala de aula. Tornar o aprendizado envolvente ao relacionar a teoria e a prática, dando valor ao que aprendemos na Geografia e que estejam relacionados ao mundo vivenciado.

Entender a própria Geografia se faz necessário. Trabalhar a geologia, a ecologia, a climatologia e a sustentabilidade não fragmentadas através de conteúdo, fazendo relações, construindo uma compreensão mais aprofundada e significativa de mundo ao redor dos alunos, sendo ela mais atrativa e relevante no processo de aprendizagem.

Para isso a divisão e a separação do que aprendemos em Geografia, na tentativa de ser mais “didático” acaba diminuindo o entendimento e tirando a importância do ensino geográfico:

[...] a geografia torna o olhar do sujeito reduzido, por conta de sua compartimentação. Muitas vezes o conhecimento geográfico, o qual estrutura os elementos da espacialidade, não se conecta a outras dimensões do conhecimento, e se reduz a explicações baseadas em uma compreensão simplificada dos conceitos (Castrogiovanni et al., 2023, p.91).

Ao fragmentar o ensino de Geografia em categorias isoladas, corre-se o risco de reduzir o olhar do estudante, limitando a compreensão mais ampla da espacialidade. Devemos considerar a integração de diferentes áreas de conhecimento para melhorar a compreensão geográfica. Deve haver a colaboração para ampliar o olhar dos alunos, permitindo que eles reconheçam as múltiplas dimensões da espacialidade e compreendam a complexidade das interações entre sociedade e espaço.

O educador precisa ser uma figura importante nessa construção e então, devemos considerar que é ele a pessoa para iniciar esse processo em sala de aula. De acordo com Neto (2022):

Os conteúdos se apresentam nos diversos anos da Educação Básica; dessa forma, não há uma especialização em áreas do campo do conhecimento geográfico, como na Geografia acadêmica: Geografia Urbana, Geografia das Indústrias, Geomorfologia, Geografia Escolar. Logo, o que poderá acontecer é o docente não conseguir mobilizar tais relações indissociáveis entre sociedade/natureza no processo de ensinar e de aprender por questões diversas, como: lacunas na formação, condições de trabalho precárias, carga horária excessiva, dentre outras (Neto, 2022, p.17).

Nesse contexto, se faz reconhecer a importância de uma abordagem integrada na Geografia, proposto por Neto (2022). As áreas específicas do conhecimento geográfico na formação docente, pode resultar na dificuldade do professor em mobilizar relações indissociáveis entre sociedade e natureza no processo de ensino e aprendizagem.

Não podemos repetir os erros que se mantêm. São ciclos e ciclos repetitivos de erros que fazem a escola um espaço de repulsa, um lugar que deveria ser a base de todo ser humano. O início do processo de formação humana, de inclusão de pessoas na sociedade, de transformação de vidas. O espaço escolar deve ser prioridade sempre.

Se faz necessário trazer um novo despertar, buscar a curiosidade dos alunos, trazer elementos novos para a sala e para o desenvolvimento das aulas. Como Callai (2021) coloca:

Refletir sobre escola, ensino e conteúdo curricular escolar reporta a reconhecer que a configuração do mundo atual na sociedade da informação apresenta novos modos de compreender os tempos e os espaços sob os processos de globalização e novas territorialidades emergem diante da complexidade em que se apresenta o mundo, e a Geografia se constitui em uma ferramenta intelectual para entender este mundo (Callai, 2021, p.40).

Diante do que é apresentado por Callai (2021), torna-se evidente a necessidade de repensar abordagens pedagógicas a fim de despertar o interesse dos alunos para a Geografia.

A Geografia, como instrumento de compreensão do espaço e das dinâmicas globais, pode ser explorada de forma a estimular o pensamento crítico e a análise reflexiva por parte dos estudantes, pois quando é apresentada de forma contextualizada, sem compartimentação se torna valiosa para a formação de cidadãos conscientes e críticos em relação aos desafios do mundo de hoje.

A escola como o alicerce para formação integral do ser humano, proporciona oportunidades, desenvolve habilidades cognitivas, sociais e emocionais que ajudam no crescimento do ser humano. É a escola que deve ser o espaço de transformação e inclusão social.

Devemos estimular a criatividade e a ludicidade, que são características das metodologias ativas. Ao reconhecermos o papel central da escola na formação integral, é imprescindível investir em práticas pedagógicas que promovam a curiosidade, a autonomia e a participação ativa dos estudantes.

Aprendizagem Baseada em Problemas – é uma abordagem na qual a prioridade é dada ao aluno, que se encontra no centro do processo de aprendizagem. Nessa metodologia, se busca incentivar o estudante a abordar problemas reais, relacionados ao seu cotidiano, para desenvolver habilidades cognitivas. A orientação do professor é fundamental, atuando como guia na ação em que os alunos se engajarão para resolver os problemas apresentados ao longo das aulas. Nesse contexto, integra-se a teoria e a prática em sala, ao mesmo tempo em que se avalia o desempenho de cada um. De acordo com Castellar (2016) o objetivo principal do professor é:

[...] auxiliar o aluno a organizar o pensamento e a construir o pensamento científico. A organização do pensamento é estruturada por meio das operações mentais que as estratégias de ensino podem estimular nos alunos. Operar mentalmente é agir sobre o pensamento; para que aconteça essa ação as finalidades, os objetivos e as competências que foram definidas nos planos de ensino das disciplinas devem estar presentes nas estratégias (Castellar, 2016, p.106).

Esses princípios devem estar presentes em todas as práticas pedagógicas, garantindo que as finalidades, objetivos e competências delineados nos planos de ensino sejam efetivamente adotadas.

Na primeira etapa do processo, apresentamos um problema ou um desafio aos alunos, assuntos de interesse da turma, proporcionando uma compreensão inicial do tema. Após a

introdução, iniciamos os questionamentos e a busca de informações para resolver o problema apresentado em aula. Os alunos têm a opção de formar grupos ou trabalhar individualmente, mas devem criar hipóteses embasadas em conhecimentos prévios ou informações pesquisadas durante o processo.

Cada hipótese é desenvolvida com base a esses conhecimentos ou informações obtidas durante a pesquisa. Os alunos devem coletar por meio de recursos como livros, artigos, entrevistas e vídeos, com a orientação do professor. Moraes (2010) mostra importância da hipótese nesse processo:

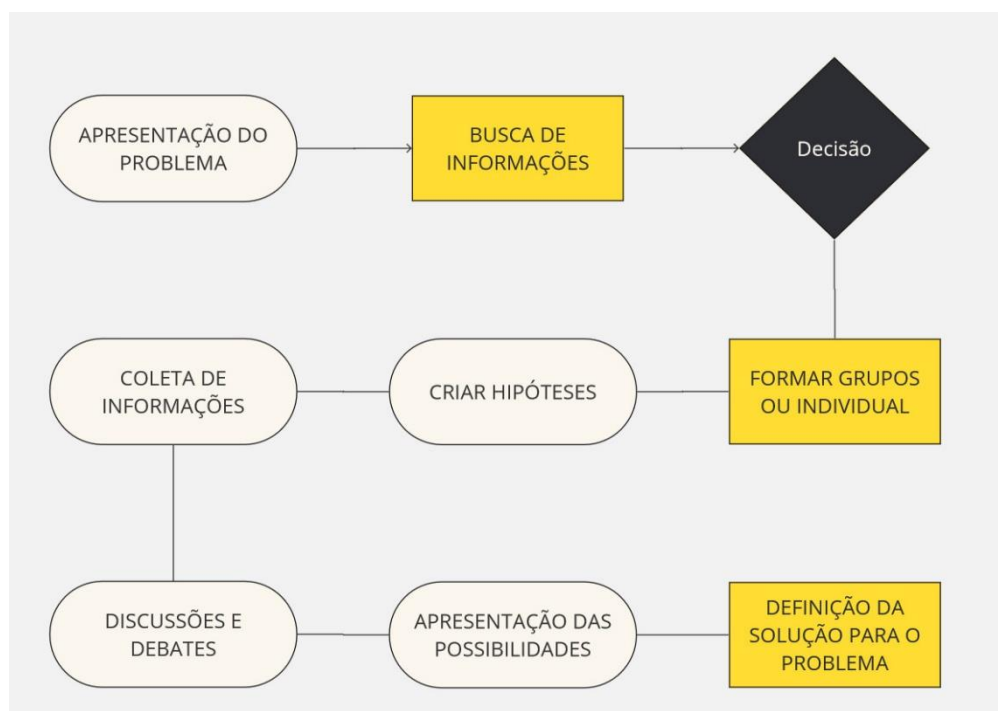
[...] a utilização do PBL acaba tendo o objetivo de fazer com que o aluno desenvolva competências que abarcam o trabalho com hipóteses diante do problema; o trabalho com diferentes tipos de fontes documentais; o confronto com diferentes hipóteses; a busca de soluções que respondam aos questionamentos; e uma mudança de postura frente ao aprendizado, por parte do aluno e do próprio professor (Moraes, 2010, p.73).

Vem então a ideia de que partir das pesquisas, as discussões dos grupos e os debates de diferentes visões, proporciona uma compreensão mais ampla da problemática proposta e os alunos identificam possíveis soluções, levando em consideração as possibilidades apresentadas por eles.

Em seguida, todos os participantes escolhem uma ou mais soluções para serem aplicadas na prática, avaliando os resultados e ajustando conforme o necessário para se alcançar uma solução satisfatória. Nessa etapa, é fundamental compreender a importância de resolver um problema do mundo real.

Na etapa final do processo, analisamos o que foi feito, os problemas enfrentados e os desafios dos alunos, explorando possíveis aplicações em outros temas, contextos e situações diversas. Nesse processo, os alunos desenvolvem habilidades de comunicação e colaboração, sendo incentivados por uma solução em grupo, em equipe.

Figura 2 - Fluxograma da Aprendizagem Baseada em Problemas.



Fonte: Elaborado pelo autor. 2024

A busca pela participação de todos no processo promove a empatia e a solidariedade entre eles. Também é possível que duplas de diferentes grupos ou com habilidades distintas sejam reunidas pelo professor para trabalharem juntas em atividades específicas. O que podemos observar dentro de todo o processo de aprendizagem é que isso provoca a cooperação e a colaboração dos envolvidos. Complementando a ideia:

essa metodologia contribui para a melhoria da qualidade do ensino, na medida em que contribui com o processo de formação dos professores, levados a uma constante reflexão a respeito de seus procedimentos em sala de aula (Moraes, 2010, p.209).

O desafio dos professores é garantir que os estudantes estejam incluídos na aprendizagem proposta. O ambiente deve ser favorável para que a turma coopere entre si, sendo um espaço de inclusão onde todos são valorizados e respeitados.

Aprendizagem Baseada em Projetos – A ideia está na realização de projetos para que os alunos alcancem habilidades e conhecimentos nesse processo. A turma e o professor definem um tema que tenha importância e seja significativo. Esse tema deve estar relacionado aos assuntos que já estão sendo trabalhados em aula ou com outros professores em diferentes

disciplinas. Portanto, a definição desse tema deve levar em consideração o contexto da turma para que o projeto possa ser aprofundado ao longo das etapas.

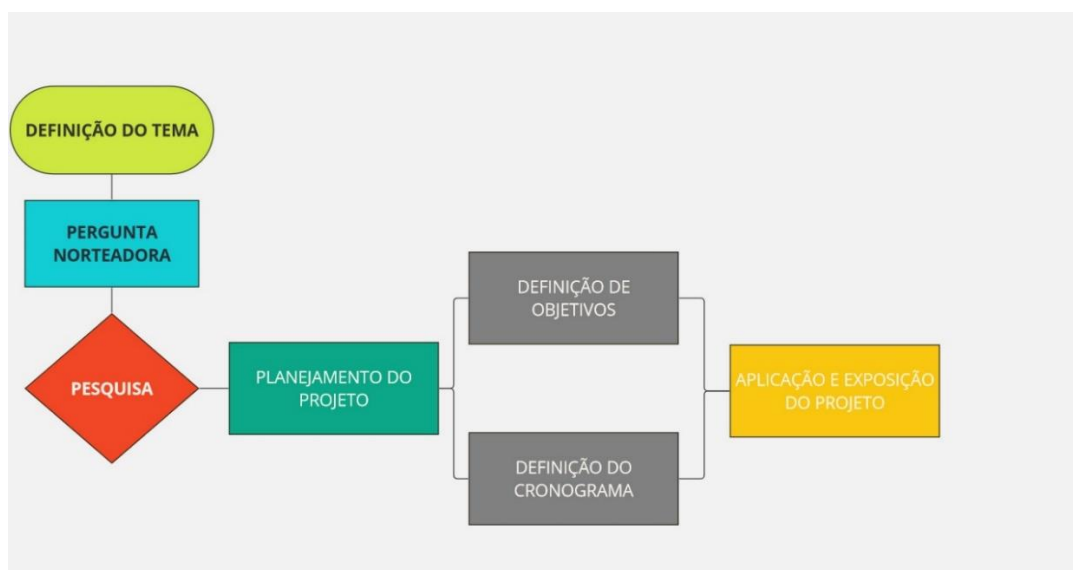
O professor irá elaborar uma pergunta norteadora para iniciar a pesquisa pelos alunos, utilizando diversas fontes, tais como livros, artigos, sites de internet, vídeos, entre outros. É essencial que realizem uma pesquisa bem elaborada, sempre avaliando a confiabilidade das fontes consultadas.

Posteriormente à pesquisa, orientada pelo professor é direcionada para o tema escolhido, os alunos iniciam o planejamento do projeto. Nesse momento, são definidos os objetivos, os cronogramas, os prazos e as ferramentas necessárias para a execução do projeto.

O planejamento é detalhado para garantir a conformidade com as metas estipuladas inicialmente. Após a elaboração do plano, os alunos procedem com a implementação do projeto, trabalhando em equipes para realizar as tarefas e alcançar os objetivos estabelecidos desde o início. Essas tarefas podem envolver a coleta de dados, experimentações e outras atividades relevantes para o trabalho.

Ao longo da aplicação do projeto, tanto os alunos quanto o professor avaliam as etapas propostas, assegurando que tudo esteja conforme o planejado e que estejam seguindo o projeto de maneira adequada. As avaliações incluem análises individuais, autoavaliações, avaliações em equipe e, é claro, a avaliação do professor, contribuindo para aprimorar os próximos projetos implementados.

Figura 3 - Fluxograma da Aprendizagem Baseada em Projetos.



Fonte: Elaborado pelo autor. 2024

É necessário acompanhar os aspectos bem-sucedidos e os que não obtiveram êxito, promovendo correções, modificações e aprimoramentos. Assegurar que cada fase do processo de aprendizagem seja integralmente cumprida é fundamental, conferindo o seu significado a todas as etapas de maneira correta.

Na fase final, cada equipe apresenta seus projetos por meio de exposições, compartilhando com colegas e professores o trabalho realizado e os conhecimentos adquiridos ao longo de todas as etapas desse processo de aprendizagem.

Sala de aula invertida – A abordagem pedagógica que tem gerado discussões no campo da educação propõe a reconfiguração do modelo tradicional na sala de aula. Esta tenta desconstruir a tradicional "responsabilidade" do educador pelo conteúdo e desenvolvimento em um ambiente em sala de aula, enquanto o professor utiliza o tempo presencial para atividades práticas e interativas com os educandos.

A ideia central da sala de aula invertida consiste na inversão dos papéis do professor e dos alunos. Em vez de concentrar a transmissão de conhecimento exclusivamente no professor durante as aulas, como é tradicional, a responsabilidade é distribuída para fora da sala de aula por meio de recursos como vídeos, leituras e outros materiais. Nesse contexto, os alunos desempenham um papel mais ativo ao se envolverem com o conteúdo e as temáticas direcionadas pelo professor antes das aulas presenciais.

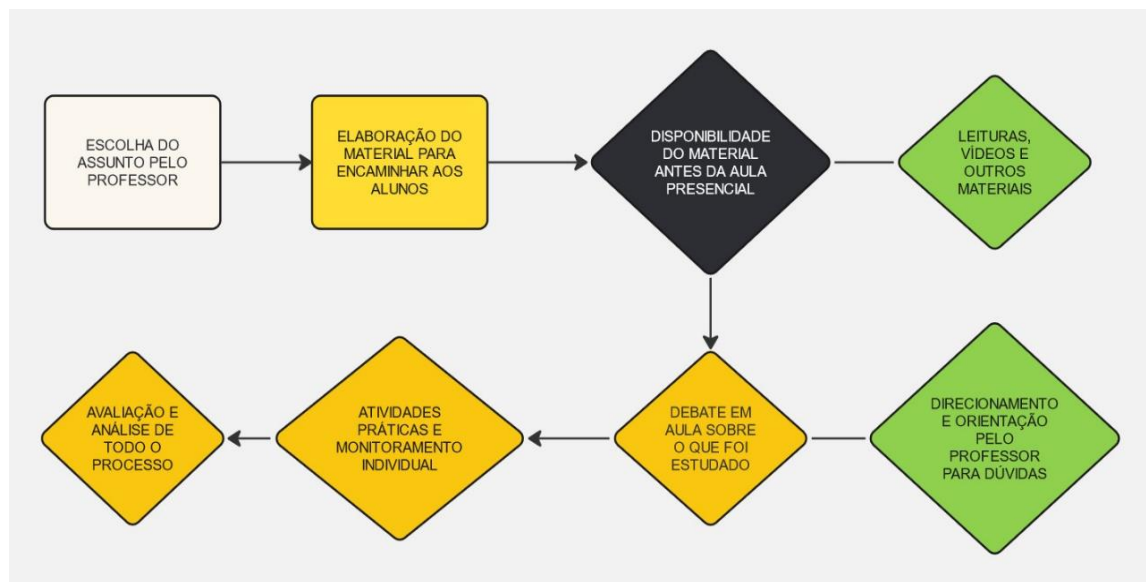
A aula invertida compreende dois pontos principais: a pré-atividade, na qual os alunos têm acesso ao conteúdo antes da aula, e a atividade presencial, que envolve discussões mais aprofundadas, atividades práticas, colaboração entre os estudantes e orientação do professor.

O objetivo promover sempre uma aprendizagem mais interessante, permitindo que os alunos construam seus entendimentos de forma mais autônoma.

Eles podem acessar o material no seu próprio ritmo, revisar conceitos quando necessário e adaptar o processo de aprendizagem às suas necessidades individuais. A tecnologia e o mundo digital podem ser um dos fatores que colaboram com a proposta de aula. Além disso redes sociais podem ser utilizadas para promover a interação entre os alunos, trazendo as discussões para além do ambiente presencial.

Durante as aulas presenciais, o professor pode monitorar o progresso dos alunos, esclarecer dúvidas, ajustar as atividades conforme necessário, podendo assim criar um ciclo contínuo de aprendizado, integrando a avaliação ao processo de ensino.

Figura 4 - Fluxograma da sala de aula invertida.



Fonte: Elaborado pelo autor.2024

É importante ressaltar que nessa metodologia se faz necessário um planejamento bem montado, para que ocorra o engajamento dos alunos e adaptação às características específicas de cada contexto educacional. Deve se considerar as diferenças de acesso à tecnologia entre os estudantes.

2.2 SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS

A disciplina de Geografia desempenha um papel crucial na compreensão e interpretação do espaço geográfico, abrangendo as dimensões física, social, política e cultural. Para garantir uma aprendizagem envolvente aos alunos, a elaboração de planejamentos torna-se indispensável, contribuindo para a organização das aulas.

As sequências didáticas em Geografia auxiliam o professor na estruturação e desenvolvimento do conteúdo programático nas escolas. Por meio delas, é possível compreender os objetivos e os métodos de ensino a serem propostos em sala, bem como as avaliações a serem realizadas com os educandos. Esse processo colabora para a composição de

temas que asseguram uma racionalidade coerente no processo de aprendizagem. A autora Castellar (2016) define o que seria sequência didática:

A esse trabalho vincula-se, necessariamente, a tomada de decisões sobre a estrutura das atividades e como elas serão articuladas – ou seja, estabelecer a função de cada atividade (por exemplo, levantar os conhecimentos prévios dos alunos sobre determinado assunto ou a interpretação de um texto jornalístico) e determinar quais relações podem ser estabelecidas entre as próprias atividades (por exemplo, a possibilidade de um texto jornalístico expressar ou não os conhecimentos prévios dos alunos a respeito de determinado assunto (Castellar, 2016, p.16).

Essa definição descreve a articulação e estruturação das atividades em uma sequência didática. A autora ressalta a necessidade de decisões que envolvem a função de cada atividade e as relações entre elas. Assim, proporciona uma orientação para os educadores, focando na organização cuidadosa das etapas do processo de ensino. Castellar dá seguimento mostrando a diferença entre plano de aula e sequência didática:

A diferença entre a estrutura e os pressupostos de uma sequência didática em relação ao plano de aula está na escala de abordagem das atividades. Enquanto o plano de aula fica circunscrito aos registros dos seus objetivos, atividades e avaliação, a sequência didática avança para o material de apoio ou instrucional. Ou seja, a sequência didática atrela-se não apenas aos pormenores das atividades – que neste caso é a descrição das tarefas –, mas também às tarefas em si, com os enunciados das questões, imagens, figuras, tabelas etc (Castellar, 2016, p.41).

A autora dá amplitude a abordagem na sequência didática em comparação com o plano de aula. O que deve ser levado em consideração é que entre as sequências didáticas e as metodologias ativas, pode-se incluir o uso de tecnologias educacionais que são importantes para o aprendizado. Podem ser incorporados mapas interativos, recursos multimídia e plataformas digitais, conforme a estrutura que o professor tenha disponível. É importante destacar que as tecnologias devem ser utilizadas, na medida do possível, para que a experiência dos alunos esteja interligada com a realidade atual e possa proporcionar um espaço de aprendizado dinâmico e participativo para todos.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1 – Consumo e Globalização.

Tabela 2 – Sequência didática 1 – Primeira etapa

Metodologia ativa: Sala de aula invertida
A metodologia da sala de aula invertida promove uma abordagem diferente daquela normalmente encontrada nas escolas. Propõe que os alunos tenham acesso prévio ao material preparado pelo professor, variando conforme a proposta da aula. Esse material pode ser apresentado por meio de vídeos, leituras, pesquisas online, entre outros recursos escolhidos pelo professor. Esses materiais fornecerão, de maneira introdutória, alguns conceitos que serão explorados durante as aulas, permitindo que os alunos adquiram conhecimento antecipado.
Objetivos de aprendizagem
<ul style="list-style-type: none"> •Entender o conceito de produção globalizada e suas conexões com bens de consumo. •Reconhecer a influência da Divisão Internacional do Trabalho (DIT) na produção e distribuição de produtos. •Estimular uma consciência crítica sobre as condições de produção, as relações econômicas internacionais e as implicações sociais e ambientais do consumo global.
Habilidades principais
<p>EF09GE02: Analisar a atuação das corporações internacionais e das organizações econômicas mundiais na vida da população em relação ao consumo, à cultura e à mobilidade.</p> <p>EF09GE05: Analisar fatos e situações para compreender a integração mundial (econômica, política e cultural), comparando as diferentes interpretações: globalização e mundialização.</p>

Tabela 3 - Sequência didática 1 – Segunda etapa

Desenvolvimento
<ul style="list-style-type: none"> • O início da pesquisa será conduzido pelo professor, que fornecerá as orientações necessárias, apresentando o tema e a proposta aos alunos. Durante essa introdução, será destacada a importância das discussões relacionadas ao consumo no contexto globalizado. Após a apresentação inicial, os alunos receberão uma tabela em sala para preenchimento em casa na próxima aula. Essa tabela conterá informações sobre os

produtos consumidos por eles, incluindo o país de origem e suas condições. O professor pode sugerir ou delimitar os sites para a realização das pesquisas.

- Na aula seguinte, será realizada uma breve revisão do que foi pesquisado pelos alunos. O professor explicará como a produção globalizada está voltada para os bens de consumo e sua relação com a Divisão Internacional do Trabalho (DIT), abordando a especialização produtiva entre países classificados como desenvolvidos e subdesenvolvidos, evidenciando suas vantagens e desvantagens. A partir desse ponto, será proposta a pergunta desafio, incentivando a participação de todos no debate sobre os temas previamente abordados.

Pergunta Desafio: Quais são os países que estão nas etiquetas dos produtos que vocês consomem? E quais são as condições deste produto?

Os alunos compartilharão suas descobertas e análises através da pesquisa, sendo encarregado ao professor incentivar as discussões sobre as relações de consumo, produção e a responsabilidade dos alunos enquanto consumidores/consumistas.

Atividade

- Os alunos realizarão um mapeamento dos países de origem dos produtos consumidos pela turma. A sala será organizada em grupos de aproximadamente 5 pessoas. Cada grupo deverá compartilhar com os colegas os resultados da pesquisa individual, observar as semelhanças e citar os produtos mais desejados pelos integrantes de cada grupo. Haverá a distribuição de mapas para que os grupos, com marcadores, façam a relação entre os países sede das marcas, os países que fabricam e o salário-mínimo dos seus habitantes por hora.
- Após o preenchimento, seguindo a ordem da atividade estabelecida, cada grupo fará a leitura do mapa que estará devidamente marcado. Importante ressaltar que mesmo os grupos que tenham respostas parecidas e repetidas, será analisada da mesma forma, ressaltando a observação.
- O professor deverá trazer, a partir da análise do preenchimento e marcação dos grupos nos mapas, a discussão sobre as condições de produção e as possíveis relações entre os países na divisão internacional do trabalho (DIT). Cada grupo deverá apresentar o que foi interessante na pesquisa para que seja ampliado o debate.

Tabela 4 - Sequência didática 1 – Terceira etapa

Síntese
<p>O professor deverá trazer as principais ideias discutidas em todo o processo durante a aula, fazer uma pequena reflexão coletiva sobre o impacto que o consumo global causa em relação a questões sociais e ambientais, mesmo que as aulas sejam voltadas principalmente ao consumo, além de estimular os alunos a terem uma consciência crítica sobre aquilo que está sendo consumido atualmente.</p>
Avaliações
<ul style="list-style-type: none"> • A avaliação deverá ser feita a partir das discussões dos alunos durante a aula, a forma e a qualidade da pesquisa apresentada, considerando o mapeamento feito pelos grupos, a capacidade de reflexão sobre as consequências do consumo global/local entre todos. <p>Em todo esse processo, precisamos pensar desde o início o que poderia dar certo ou errado, mas principalmente na forma como o tema é introduzido. Como poderá ser feita a introdução do tema sobre consumo globalizado que seja envolvente e desperte nos alunos o interesse desde o início? Como podemos fazer a relação do tema e as suas vivências? São questionamentos que cada professora fará em um contexto diverso de sala de aula.</p>

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2 – Indústria e urbanização.**Tabela 5 - Sequência didática 2 – Primeira etapa**

Metodologia ativa: Rotação por estações
<p>A metodologia rotação por estações pode ser utilizada de variadas formas conforme a proposta do professor. Os alunos se dividem em grupos e circulam por diferentes estações de aprendizagem, todas focadas em atividades específicas relacionadas ao conteúdo disponibilizado pelo professor. As estações variam conforme o tema levantado em sala de</p>

aula, mas podem incluir atividades práticas, pesquisas, discussões em grupo, uso de tecnologias, entre outros.
Objetivos de aprendizagem
<ul style="list-style-type: none"> •Compreender os diferentes tipos de indústrias, suas características e funções na sociedade. •Relacionar os objetos do cotidiano com suas respectivas categorias de indústria. •Analisar as relações entre as diferentes etapas de fabricação das indústrias de base, intermediárias e de bens de consumo.
Habilidade principal
EF07GE08: Estabelecer relações entre os processos de industrialização e inovação tecnológica com as transformações socioeconômicas do território brasileiro.

Tabela 6 - Sequência didática 2 – Segunda etapa

Desenvolvimento
<p>A ideia é desenvolver uma aula relacionada aos objetivos propostos e para que os alunos estejam cientes de como isso está presente no nosso dia a dia.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Primeiramente, inicia-se a aula para introduzir o conceito de indústria aos alunos, dando um foco para seus diferentes tipos. Para isso, será interessante compreender onde estão esses espaços que vivenciamos cotidianamente. Então, serão apresentadas imagens de fábricas e indústrias presentes nas cidades, podendo ser adaptado ao lugar em que os alunos vivem. Após a apresentação dessas imagens, será feita uma pergunta para a reflexão de todos. (Importante lembrar: as imagens poderão ser mostradas em um projetor, assim como poderão ser impressas e entregues aos alunos em sala de aula). • A partir das respostas, serão apresentadas as características e atividades principais dessa indústria, como ela se organiza e funciona, além dos impactos causados no espaço, principalmente nas cidades. • Após o início, serão apresentados os tipos de indústrias aos alunos: indústria de base, intermediárias e bens de consumo. • Nessa etapa, poderá ser aproveitado materiais e objetos normalmente utilizados pelos alunos, algo que possa compreender a maioria dos diferentes tipos de indústrias envolvidas na fabricação do objeto. Será feito um mapa mental para organizar os tipos

de indústria, interligando entre eles as etapas e os materiais utilizados para a fabricação de um produto escolhido em aula.

- Após essa etapa de construção do mapa mental coletivo entre o professor e os alunos, será definido o conceito de indústria. Assim, serão descritas algumas fases da fabricação de um tecido, por exemplo, a matéria-prima utilizada, a confecção e como isso chega nas lojas de roupas.

Continuando para o próximo passo, mais uma vez os alunos irão refletir sobre objetos do seu cotidiano com duas pequenas tarefas.

Tarefa 1: Liste os itens na sala de aula que são produtos da indústria.

Tarefa 2: Liste os itens na sala de aula que não são produtos da indústria.

Atividade

A atividade principal vem com rotação por estações. Os alunos serão divididos em grupos e irão circular entre as estações. Cada estação terá um objeto do dia a dia relacionado a uma categoria de indústria.

Estação 1: Indústrias de Base

O professor introduzirá o conceito de indústrias de base e apresentará um objeto relacionado, como uma peça de metal ou plástico. O grupo vai explorar as etapas de fabricação desse objeto ou de outros por meio de pesquisa na internet, livros didáticos ou materiais trazidos pelo professor. Assim cada integrante do grupo deverá anotar as etapas encontradas.

Estação 2: Indústrias de Bens Intermediários

O professor introduzirá o conceito de indústrias de bens intermediários, apresentando um objeto como um componente eletrônico. Os alunos pesquisarão as etapas de fabricação desse componente, buscando compreender como é a cadeia produtiva do objeto.

Estação 3: Indústrias de Bens de Consumo

O professor introduzirá o conceito de indústrias de bens de consumo, apresentando um objeto como um produto, podendo ser um celular, algo que já está na rotina de vida dos alunos. A partir daí eles pesquisarão as etapas de fabricação desse objeto escolhido, identificando as diferentes fases até chegar às mãos do consumidor.

Tabela 7 - Sequência didática 2 – Terceira etapa

Síntese
<p>Cada grupo vai compartilhar suas descobertas com os colegas, apresentando as etapas de fabricação das indústrias de base, bens intermediários e bens de consumo. Será instigado pelo professor a discussão sobre quais as relações entre as diferentes etapas de fabricação e como essas indústrias contribuem para o cotidiano.</p> <p>Após a rotação de estações, haverá um debate das produções feitas pelos alunos, além do entendimento do que foi o processo todo em sala de aula.</p>
Avaliações
<ul style="list-style-type: none"> • Será avaliado a participação ativa dos alunos nas discussões em sala de aula, além da compreensão dos conceitos abordados. É importante observar se os alunos conseguiram relacionar as etapas e materiais envolvidos na fabricação de um objeto escolhido em sala de aula, incluindo também a apresentação dos grupos nas estações, a capacidade de pesquisa e compreensão das informações que foram trazidas na síntese no final da aula. • A rotação por estações é algo pouco utilizado em sala de aula e nos convida a repensar o espaço físico em sala de aula de um ambiente que pode ser dinâmico, além de entender as mais diferentes formas de aprendizado que acabam aparecendo. <p>O importante é que ao tentarmos entender como essas práticas nos fazem buscar o entendimento em sala de aula e as suas mudanças e transformações.</p>

2.3 . A GEOGRAFIA ESCOLAR E AS NOVAS METODOLOGIAS

Para nós, a Geografia na educação proporciona aos alunos uma compreensão do mundo contemporâneo e das complexidades que o cercam. Tópicos como migração, urbanização, mudanças climáticas, aquecimento global, desigualdades e segregações regionais, sustentabilidade, entre outros, são abordados para que os estudantes possam entender as dinâmicas do mundo e suas influências na vida das pessoas em diferentes lugares.

Como disciplina escolar, a Geografia desempenha o papel de formar indivíduos críticos, elucidando as interações complexas entre a natureza e a sociedade. Ao reconhecer o

entorno e decifrar as interações dos aspectos naturais e sociais, é ela que contribui para a educação integral.

O ensino de Geografia passou por transformações ao longo dos anos, enfrentando desafios que continuam a impactar negativamente o seu desenvolvimento. A história do ensino de Geografia no Brasil remonta à colonização e à influência jesuítica na organização do sistema educacional.

Inicialmente, a Geografia não era uma disciplina formal, sendo utilizada apenas como complemento para a compreensão de obras literárias. A criação do Colégio Pedro II, em 1837, conferiu à Geografia o status de disciplina autônoma, embora ainda ocupasse uma posição secundária em relação aos estudos literários. O currículo do colégio serviu como modelo para as escolas brasileiras, consolidando a Geografia como elemento formal de ensino no país.

Nesse contexto, sem um sistema nacional de ensino, a abordagem clássica da Geografia era influenciada por padrões europeus e pelos valores sociais da época. As escolas dos séculos XIX e XX adotavam uma abordagem conteudista. Conforme descrito por Vesentini (2009, p.16) “O primeiro tipo de escola é conteudista – qualquer que seja o conteúdo a ser memorizado, sejam os nomes de capitais, de unidades do relevo ou de rios, sejam os modos de produção e as formações socioeconômicas ou socioespaciais”.

O conhecimento geográfico era fundamentado na descrição de províncias, dados estatísticos e nomes dos elementos naturais e geográficos. Devido a isso, o método de ensino de Geografia acabou concentrando-se na memorização desses nomes e na simples descrição de fenômenos, seguindo a influência da Geografia clássica europeia.

Essa abordagem influenciou significativamente o método de ensino geográfico, direcionando-o para a memorização de nomes e descrição simplificada de fenômenos. Essa compreensão histórica ressalta a importância de repensar as abordagens pedagógicas na disciplina, considerando a evolução do conhecimento geográfico e os desafios contemporâneos da educação. É o que Castrogiovanni et al. (2023) afirma “A Geografia, enquanto ciência, busca possibilitar a compreensão do mundo em que vivemos, ancorada em uma abordagem pautada nas ações humanas das mais variadas sociedades existentes no planeta. (Castrogiovanni et al., 2023). Por isso, a necessidade de entender quais foram as influências e como chegamos a Geografia atual nessa perspectiva, de modo que seguimos ainda fragmentando o conhecimento geográfico.

No século XX, nas décadas de 20 e 30, observaram-se alterações no currículo, embora ainda persistissem heranças em termos de compreensão e organização. Alguns pensadores e intelectuais obtiveram maior acesso a obras de autores europeus que abordavam a geografia, visando compreender as relações entre fenômenos naturais e diversos elementos. Dentre esses pensadores estavam Humbolt, La Blache e Ratzel. A partir desse ponto, se iniciou uma compreensão mais aprofundada das relações entre o homem e a Terra, transcendendo a abordagem meramente descritiva da geografia, que se limitava a apresentar a superfície terrestre.

Durante esses períodos, a Geografia tornou-se uma disciplina obrigatória, concentrando-se em um sistema nacional de ensino, mesmo sem romper completamente com o modelo anterior. Foram estabelecidas definições que se mantiveram, reforçando práticas que exigiam dos alunos a memorização de conteúdo. A institucionalização da Geografia no ensino superior, com a criação de faculdades, representou um marco importante para uma nova concepção de Geografia escolar.

A formação de professores de Geografia desempenhou um papel significativo de mudanças nas práticas adotadas em sala de aula. No entanto, inicialmente, a quantidade de professores formados não era suficiente para atender à demanda, um desafio que persiste até os dias atuais. Vesentini conforme descreve mostra a visão e os valores da escola nessa transição de séculos “Tanto a escola do século XIX como a do século XX eram conteudistas, valorizando mais os conceitos e as informações do que as competências, habilidades ou atitudes dos alunos” (Vesentini, 2009, p.24). As metodologias da época eram positivistas, caracterizadas pela ênfase na descrição, classificação e definição de paisagens. Isso resultou em uma abordagem na qual os alunos não compreendiam sua realidade e não desenvolviam pensamento crítico. Formavam-se alunos desvinculados de questões sociais e políticas.

Durante a ditadura militar no Brasil, ocorreu uma despolitização na formação, e a geografia escolar desempenhou um papel que gerou mudanças significativas na relação entre a disciplina escolar e a geografia enquanto ciência. A geografia escolar não apenas reproduziu as determinações de um regime e as ideias da academia; ela também produziu conhecimento próprio dentro do contexto escolar.

Um dos fatores que contribuem para entender o distanciamento da Geografia escolar e a Geografia acadêmica, Callai fala sobre essas duas produções “A Geografia escolar, portanto, é um conhecimento diferente da Geografia acadêmica. Ela é, pois, uma criação particular e

original da escolar, que responde às finalidades sociais que lhe são próprias” (Callai, 2021, p.43). Callai segue a explicação dizendo que:

A Geografia escolar se constitui como um componente do currículo e seu ensino caracteriza-se pela possibilidade de que os estudantes percebam a singularidade de sua vida e reconheçam a sua identidade e seu pertencimento em um mundo que a homogeneidade apresentada pelos processos de globalização trata de tornar tudo igual (Callai, 2021, p.40).

É relevante notar que essa distância entre a Geografia escolar e acadêmica persiste, e pouco se observa uma troca entre esses campos. Callai ao abordar a singularidade da Geografia escolar, ressalta como ela atende a propósitos sociais específicos, destacando o caráter único desse conhecimento no ambiente escolar. Esta autonomia da Geografia escolar pode contribuir para a falta de diálogo efetivo entre o que é produzido nesses dois contextos, algo que ocorre até os dias de hoje.

Na década de 70, surgiram correntes de geografias críticas na área acadêmica, principalmente nos Estados Unidos e França. Essas correntes confrontavam as tendências predominantes nas universidades, questionando tanto a geografia tradicional quanto a nova geografia, por serem vistas como sujeitas ao sistema capitalista, marcadas pela falsa neutralidade. Em contraste, a geografia crítica baseava-se no materialismo histórico-dialético, priorizando a criticidade e um maior engajamento em suas ideias.

A crítica estendia-se aos estudos da natureza representados pela Geografia física, considerados carentes de reflexão política e epistemológica. Isso refletiu na geografia escolar, uma vez que os currículos e livros didáticos eram elaborados na academia, influenciados por essas correntes críticas.

Na Geografia escolar, houve uma discussão sobre a natureza, considerando-a uma "segunda natureza", modificada e incorporada ao processo produtivo, além das atividades econômicas. Componentes físicos-naturais, como água, minerais, solo e vegetação, passaram a ser vistos sob uma nova perspectiva, incentivando um estudo mais aprofundado sobre a relação entre natureza e sociedade, deixando em segundo plano a dinâmica da natureza em si.

A Geografia humana, por sua vez, adotou uma postura crítica em relação aos paradigmas acadêmicos vigentes na década de 70. Buscou compreender o espaço geográfico a partir da subjetividade dos sujeitos, incluindo suas percepções, comportamentos e sentimentos em relação ao ambiente analisado. Essa abordagem trouxe uma compreensão mais ampla dos

conceitos fundamentais de espaço, paisagem e lugar, desempenhando um papel essencial nos novos estudos geográficos.

Nos anos 90, a Geografia escolar incorporou ênfase na cultura, representações e significados do espaço geográfico, o que resultou na elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para o Ensino Fundamental e Médio. Adotou-se uma abordagem construtivista para tratar dos fenômenos, valorizando, assim, os conhecimentos prévios dos alunos.

A partir dessa perspectiva, a Geografia escolar passou a integrar os componentes físico-naturais e sociais nos conteúdos de ensino, destacando a interação e as dinâmicas entre a sociedade e a natureza no currículo.

Os principais conceitos geográficos passaram a ser abordados nos conteúdos, proporcionando uma visão mais ampla sobre como o espaço geográfico é percebido e analisado. Como caracteriza Castrogiovanni et al. (2023) como o espaço geográfico e outros conceitos estão inseridos nos entendimentos de fenômenos e relações sociais no espaço, transformando-o a todo momento:

Espaço Geográfico, pensamos, é constituído de um emaranhado de objetos, intencionalidades, tensões, ações e representações que perpassam por diversas temporalidades, manifestando-se sob a abstração de espacialidades. É neste cenário atormentado que as sociedades, dialogando com o espaço natural, produzem, na mesma medida em que são produzidos os Espaços Geográficos, com as suas diferentes escalas de análise, como o Lugar, a Paisagem ou o Território. Estas escalas de análise são ferramentas teóricas para a leitura e a compreensão dos fenômenos e relações sociais que se inscrevem no espaço e que parecem não apresentar início nem fim (Castrogiovanni et al., 2023, p.95).

Precisa-se considerar o futuro da Geografia em como ela será analisada para compreender as dinâmicas, estabelecer conexões com os processos de intervenção e as mudanças realizadas no mundo. Atualmente, as discussões e debates acadêmicos são de suma importância para as bases curriculares em andamento, representando projeções teóricas de ideias, uma tendência que visa melhorias no ensino básico como também na área acadêmica.

Contudo, observa-se que as abordagens, metodologias e práticas escolares ainda seguem, em grande parte, o modelo tradicional. Este é um momento propício para repensar novas ideias, debater e discutir novos rumos para o futuro da geografia escolar. É assim que se deve buscar, de alguma maneira, pensar em outras formas de implementar a utilização de novas metodologias em sala de aula.

2.4 . O PENSAMENTO GEOGRÁFICO NAS METODOLOGIAS ATIVAS

O ensino de Geografia ocorre por meio do desenvolvimento do pensamento geográfico e sua importância na formação de pessoas. O papel da Geografia é prover instrumentos que ofereçam condições suficientes para que os alunos possam analisar, compreender e idealizar um novo mundo. O autor Neto (2022) define o pensamento geográfico e suas características:

O pensamento geográfico é um processo intelectual estruturado em elementos do conhecimento geográfico, como categorias (conceitos/princípios lógicos) da Geografia e em linguagem (cartográfica, de imagens, outras). Dessa forma, o desenvolvimento do pensamento na prática educativa dos professores se faz necessário à mobilização de diversos elementos dos conhecimentos, entre eles os princípios lógicos (localização, delimitação, extensão, conexão, distribuição, rede, arranjo e posição) e os conceitos (espaço, território, lugar, região, paisagem), que dão sustentação a esse modo de pensar (Neto, 2022, p.8).

Percebemos a importância de integrar os elementos do conhecimento geográfico no processo de ensino para se ter uma maior compreensão, como Neto (2022) aborda em suas palavras. Os educadores devem explorar formas de assimilação e aplicação desses princípios lógicos e conceitos para que os alunos desenvolvam uma visão mais abrangente e crítica do espaço geográfico.

Já a Geografia escolar está diretamente relacionada, pois é ela que promove formar estudantes com capacidade de agir em relação a sua autonomia, de forma crítica, reflexiva e que possam interferir no seu meio. É esse o propósito da Geografia na educação básica. Conforme Cavalcanti (2021) o pensamento geográfico faz parte de um conjunto de saberes para a formação de professores. Portanto:

[...] propõe-se que o docente, por meio dos conteúdos escolares, propicie modos de desenvolver o pensamento geográfico no aluno, considerando os conceitos geográficos como instrumentos simbólicos fundamentais para esse desenvolvimento (Cavalcanti, 2021, p.21).

Ao considerar a ideia da autora, podemos perceber formas de desenvolver os conceitos da Geografia no ensino, e então, proporcionar aos alunos não apenas informações isoladas, mas sim ferramentas conceituais que possam guiá-los na compreensão do espaço geográfico.

O pensamento geográfico é compreendido como a capacidade que os educandos possuem de observar, investigar e analisar diversos fenômenos. Na educação básica, o foco no

raciocínio geográfico ressalta a importância do processo cognitivo dos alunos. O raciocínio se torna verdadeiramente geográfico quando os conceitos e os princípios da Geografia são agregados às práticas escolares. A abordagem dos fenômenos dentro de contextos históricos e as relações inseridas em um contexto social e ambiental contribuem para a compreensão do espaço geográfico, evitando análises isoladas dos fenômenos. Para Copatti (2021) o pensamento geográfico aos professores possui diversos elementos:

Constitui-se em uma forma sistematizada mentalmente pelo professor, com base em um conjunto de conhecimentos e saberes docentes, que tornam possível articular uma estrutura de elementos que envolvem o que é especificamente geográfico (da ciência Geografia, suas estruturas de linguagem e método, suas especificidades acadêmicas e escolares) (Copatti, 2021, p.36).

Então acaba se delimitando esses conceitos, estruturas de linguagens e métodos tanto na Geografia escolar quanto na Geografia acadêmica. O problema segue sendo o distanciamento e as trocas entre elas.

Há diversas maneiras de utilizar o conceito de pensamento geográfico, e vários autores o conceituam, adicionando elementos para uma compreensão mais ampla é que nos Neto (2022) coloca:

[...] defende-se a mobilização do pensamento geográfico como processos cognitivos a serem desenvolvidos junto aos alunos pelo professor de Geografia na escola, com objetivo de instrumentalizá-los intelectualmente a interpretar e atuarem nas suas práticas espaciais de maneira a construir um mundo mais justo e igualitário. Para isso, mobilizar os elementos do pensamento geográfico – conceitos e princípios – é central para operar intelectualmente com esse modo de pensar, pois são esses arcaibouços teórico-metodológicos que dão forma-conteúdo ao saber geográfico, constituindo-se a base do método geográfico para pesquisar e ensinar geografia (Neto, 2022, p.27).

O autor destaca a importância de mobilizar os elementos do pensamento geográfico, como conceitos e princípios, para operar intelectualmente nesse modo de pensar. Deve se considerar que eles desempenham o papel de estruturas teórico-metodológicas essenciais, proporcionando forma e conteúdo ao conhecimento geográfico, sendo, assim, a base do método empregado na pesquisa e no ensino de Geografia.

A Geografia como ciência possui métodos, estudos e teorias, que ao longo do tempo criou a sua própria linguagem, uma linguagem geográfica com princípios e conjuntos de análises. A partir daí, esses elementos formaram a base para a leitura do espaço geográfico na qual estudamos na universidade, e que, dá também a base para o desenvolvimento na Geografia escolar. Como afirma Callai “A Geografia escolar, portanto, é um conhecimento diferente da

Geografia acadêmica. Ela é, pois, uma criação particular e original da escolar, que responde às finalidades sociais que lhe são próprias” (Callai, 2021, p.43).

Podemos dizer que através dos conceitos que acabam estruturando, orientando, princípios e os seus conjuntos da ciência geográfica, variam conforme os autores, mas de alguma forma, permite que as ideias, que a rede teórica-conceitual esteja junto ao aluno para a sua análise, a sua observação. Como Callai (2021) complementa sobre a importância desse ensino da Geografia:

O ensino da Geografia pode servir então para situar os sujeitos nesse mundo, de modo que compreendam a espacialidade dos fenômenos e que os espaços resultam da história dos homens que vivem nos lugares, sendo assim um espaço construído a partir dos interesses dos que ali vivem, e nesse contexto, do jogo de forças a partir de relações de poder, entre as pessoas e os grupos do lugar(Callai, 2021, p.99).

Para isso, deverá ocorrer a conversa entre a Geografia acadêmica com a Geografia escolar sobre as práticas docentes, alinhadas para um melhor trabalho de desenvolvimento na educação básica. Como Santos (2022) enfatiza, mas alerta que “desnaturalizar estas estruturas cristalizadas que provêm da história da Geografia Acadêmica e da Geografia Escolar e são fortalecidas por meio de materiais de apoio como os livros didáticos que conduzem as práticas educativas na escola constitui uma tarefa difícil” (Santos et al., 2022, p.34).

A compreensão do espaço geográfico se faz necessário, pois não é apenas um objeto de estudo da Geografia em si, é também o espaço de vivência de alunos e professores que convivem diariamente nesse cotidiano, atuando no que é possível.

O ensino de Geografia através do desenvolvimento do pensamento geográfico coloca o professor num ponto centralizado, capacitando, dando autonomia diante do currículo escolar e do livro didático.

Porém, durante a graduação a construção desse pensamento na formação dos professores acabam deixando espaços que devem ser preenchidos posteriormente, e então, buscar novas formas de avançar nas práticas pedagógicas-geográficas. O reconhecimento do professor como intelectual, através de apropriação dos conhecimentos acadêmicos faz criar ideias e dinâmicas para que ocorra um ensino e aprendizagem diferente do que estamos habituados. Há todo momento o professor deve estar desconstruindo e construindo ideias para que o ensino e o processo sejam constantes na vida docente.

Todos os professores, em algum momento da sua formação, fazem a reflexão sobre sua vida intelectual, os caminhos a se percorrer e quais definições devem ser tomadas para uma melhor formação. Nóvoa nos faz pensarmos sobre como devemos nos desprender desses modelos “A formação dos professores continua hoje muito prisioneira de modelos tradicionais, de modelos teóricos muito formais, que dão pouca importância a essa prática e à sua reflexão” (Nóvoa, 2007, p.16).

Devemos pensar na necessidade da relação teórica-prática pertencendo a identidade criada pelos professores durante os seus percursos, a sua identidade docente. A busca por uma vida intelectual ativa permite que os professores se mantenham atualizados para transformar seus conhecimentos nessa desconstrução e construção constante. Nóvoa continua a sua reflexão “A formação do professor é, por vezes, excessivamente teórica, outras vezes excessivamente metodológica, mas há um déficit de práticas, de refletir sobre as práticas, de trabalhar sobre as práticas, de saber como fazer” (Nóvoa, 2007, p.14). Não é somente a prática que faz a formação, e sim a capacidade refletir e analisar todas elas. Portanto, precisamos, como professores, entender um pouco mais o que estamos ensinando em sala de aula.

O pensamento geográfico representa a chave para que os desafios diários sejam resolvidos, pois é através da base conceitual e a ciência geográfica que conseguimos identificar os elementos da nossa realidade. As análises devem sempre questionar o “onde, “quando” e o “por quê” estimulando os alunos a esse pensamento. Por isso, a elaboração de práticas escolares que envolvam a escolha de representações espaciais, priorizando os princípios da Geografia, acabam orientando e associando para o desenvolvimento desse pensamento. O professor deve se portar como um ser curioso em constante formação, atualizando-se das realidades que a todo momento estão mudando, estão ficando cada vez mais dinâmicas.

3 METODOLOGIAS ATIVAS PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA

A metodologia aqui apresentada vem de pesquisas e estudos voltados para à integração de metodologias ativas no ensino de Geografia, especialmente direcionadas para o Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos (EJA). Propõem-se, assim, sequências didáticas e abordagens pedagógicas que se mostram apropriadas para promover uma aprendizagem significativa e participativa em sala de aula.

Ao optar por metodologias ativas, busca-se não apenas apresentar ideias, mas também envolver os estudantes de forma ativa em seu próprio processo de aprendizado. Isso torna-se crucial ao considerar as mais variadas experiências e vivências presentes nas turmas, tendo como base a adoção de desenvolvimentos que atendam às necessidades dos educandos.

Associando também essas metodologias ativas à diversidade de estudantes presentes, pretende-se estabelecer conexões entre os métodos pedagógicos e o contexto que está inserido na escola. Dessa forma, o objetivo é adaptar as atividades de ensino de Geografia para que sejam voltadas com as experiências e realidades vividas pelos alunos.

Descreve-se no final uma narrativa de experiência vivenciada durante a participação no programa de residência pedagógica da UFRGS. Nele, se aplica efetivamente algumas dessas metodologias ativas em uma turma da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Conforme Castrogiovanni e Vicente (2016) entendem uma forma diferente do ensino padrão:

O público dessa modalidade apresenta características muito peculiares: há uma maior diversidade etária (acolhe alunos dos dezesseis anos até idades em torno dos cinquenta/ sessenta anos); pessoas com experiência de vida de maior profundidade (trabalhadores, responsáveis de famílias, aposentados) e, ao mesmo tempo, de menor profundidade (jovens ociosos que não conseguem concluir o ensino na idade aconselhada) e o tempo para a conclusão das etapas de ensino é de duração menor do que o das crianças e adolescentes (Castrogiovanni; Vicente, 2016, p.188).

Diferentemente do ensino regular, a EJA lida com uma diversidade de experiências de vida que os alunos trazem consigo. Por isso, entendem a particularidade na visão do professor ao adentrar na sala de aula com uma turma de EJA:

[...] essas características singulares, a estrutura curricular da EJA apresenta, na perspectiva de suas orientações normativas, uma concepção teórica preocupada em efetivar um trabalho pedagógico com um olhar diferente. Pressupomos que essa preocupação pode ser bastante salutar, em se tratando de um público detentor de tantas especificidades. Pressupomos que essas prerrogativas tentam estabelecer, como

perspectiva ao trabalho pedagógico nessa modalidade de ensino, uma práxis didática compatível com o contexto desses alunos (Castrogiovanni; Vicente, 2016, p.189).

A estrutura curricular da EJA reflete a preocupação em efetivar um trabalho pedagógico adaptado a esse contexto. A necessidade de um "olhar diferente" para atender os desafios dessa modalidade de ensino revela a intenção de estabelecer práticas que estejam de acordo com às características dos alunos da EJA.

As escolhas de metodologias pedagógicas adequadas são fundamentais para garantir um ensino significativo. Este relato proporciona uma visão prática e concreta da implementação dessas abordagens através das metodologias ativas, contribuindo para o avanço contínuo do ensino de Geografia nessa perspectiva.

3.1 – A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC)

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é o documento orientador que estabelece as diretrizes fundamentais para a construção do conhecimento pelos alunos ao longo de sua trajetória escolar. A BNCC assegura uma educação mais justa e igualitária, promovendo o desenvolvimento dos alunos. Por meio da BNCC, define-se um conjunto comum de competências e habilidades que todos os estudantes devem desenvolver, independentemente do contexto socioeconômico e das disparidades educacionais no país, visando criar um ambiente mais democrático para garantir a acessibilidade ao conhecimento e proporcionar uma base sólida na construção do saber:

[..] é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). Este documento normativo aplica-se exclusivamente à educação escolar, tal como a define o § 1º do Artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996)¹, e está orientado pelos princípios éticos, políticos e estéticos que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, como fundamentado nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN) (BRASIL, 2018 p.7).

A BNCC apresenta importantes disposições, como o pensamento crítico, a resolução de problemas, a comunicação e a autonomia, preparando assim todos os estudantes para os desafios da sociedade atual:

Nesse contexto, a BNCC afirma, de maneira explícita, o seu compromisso com a educação integral. Reconhece, assim, que a Educação Básica deve visar à formação e ao desenvolvimento humano global, o que implica compreender a complexidade e a não linearidade desse desenvolvimento, rompendo com visões reducionistas que privilegiam ou a dimensão intelectual (cognitiva) ou a dimensão afetiva. Significa, ainda, assumir uma visão plural, singular e integral da criança, do adolescente, do jovem e do adulto – considerando-os como sujeitos de aprendizagem – e promover uma educação voltada ao seu acolhimento, reconhecimento e desenvolvimento pleno, nas suas singularidades e diversidades (BRASIL, 2018 p.14).

Também se destaca a interdisciplinaridade, que estabelece conexões entre diversos campos do conhecimento, promovendo a integração entre as disciplinas para uma abordagem mais contextualizada na aprendizagem.

Diante dos princípios e diretrizes apresentados pela BNCC, somos desafiados a repensar e reestruturar nossas práticas educacionais, buscando promover uma educação mais inclusiva, integrada e contextualizada. Para poderemos preparar efetivamente os estudantes para os desafios e demandas de uma sociedade injusta, e também para formação integral e o desenvolvimento de cidadãos conscientes de seu papel no mundo.

4 RELATO SOBRE O USO DAS METODOLOGIAS ATIVAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)

A ideia que tive em fazer a pesquisa sobre a utilização das metodologias na educação foi algo que me deixou curioso, pois na época de escola não entendia os motivos dos alunos e colegas apenas escutarem o que o professor estava falando, sem muitas vezes participarem da aula, minimamente dando uma opinião ou fazendo uma pergunta sobre aquilo que estava sendo explicado no quadro. Assim, na medida do possível, fui entendendo ao longo da minha graduação alguns dos motivos que fizeram eu ter uma determinada educação, uma educação que há anos está nas escolas e nas universidades.

Me questionei várias vezes como professor se realmente essa era a maneira correta de se ter uma aula, a aula tradicional onde o professor fala, explica, responde questionamentos e finaliza sem uma construção de aula, apenas informando, transmitindo o que ele já tem conhecimento, o professor, aos seus alunos.

Claro que a experiência em sala de aula teve um papel fundamental para aumentar essa curiosidade e para que eu desenvolvesse essa minha formação docente. Nos estágios obrigatórios, nos projetos de cursinhos populares, onde eu tive as minhas primeiras experiências como professor, foram de suma importância para entender esse mundo da educação. Essa vivência com os alunos, o contato com o ambiente escolar ou educacional, a interação com outros professores de outras áreas se torna relevante para o processo de desenvolvimento na docência.

Os alunos que entram na graduação e somente terão experiências no ambiente educacional, entrando numa sala de aula, planejando, estudando, no final do curso, acabam se deparando com situações adversas e desafios maiores na forma de lidar com os alunos e organização das aulas. Se faz necessário a experiência em sala de aula, se possível, desde o início do curso de licenciatura, pois no futuro é o que colabora para que os novos professores tenham uma boa formação.

No período em que atuei no Colégio Estadual Coronel Afonso Emílio Massot para uma turma da EJA (Educação de Jovens e Adultos) no turno da noite, pude me experimentar ainda mais como professor, me desafiar com os planejamentos para que tivéssemos a melhor experiência com os meus alunos em sala de aula.

A escola, localizada na área central de Porto Alegre, tem um papel fundamental na formação educacional de mais de 800 alunos, sendo um espaço de acolhimento a vários

estudantes, por exatamente estar em um bairro próximo ao centro. A escola atende em três turnos, do ensino fundamental ao ensino médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA). Também é importante relatar que o colégio sempre busca promover ações efetivas a comunidade no seu entorno, com parcerias e tentando envolver todos no processo de educar.

A turma a qual eu tive a honra de dar aula no Emílio Massot é bem diversificada e mostra exatamente aquilo que é padrão em turmas da EJA. Uma mescla entre jovens que estão em busca de uma segunda chance em terminar a escola e de pessoas mais velhas querendo retomar os estudos após um bom tempo fora de ambientes educacionais. Essa turma especificamente possui essa característica, a heterogeneidade de idade, pessoas que trabalhavam o dia inteiro, com contextos diversos de vida e experiências que ajudavam a colaborar para o enriquecimento das aulas.

Figura 5 - Grupo de alunas da EJA.



Fonte: acervo do autor. 2023

Figura 6 – Grupo de alunos da EJA.



Fonte: acervo do autor. 2023

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma forma de ensino destinada a pessoas que não tiveram a oportunidade de concluir seus estudos na idade correta, na idade regular. Ela abrange o ensino fundamental e médio, portanto, possui uma característica específica que é o tempo das aulas, o calendário escolar é semestral e não anual, por isso, são focadas em áreas específicas do conhecimento, mas que de alguma forma geram um calendário apertado para o planejamento das aulas.

Nessa turma específica o objeto do conhecimento em Geografia abordada nas aulas foram os estudos da população com alguns temas definidos previamente como: insegurança alimentar, vacinas, direito à moradia, entre outros. Todos esses temas estavam focados em relacionar com o cotidiano de cada aluno, trazendo seus relatos, opiniões e ideias, usando como base o censo demográfico e a importância das políticas públicas em todos os esses temas, entendendo a sua importância para que fossem analisadas. A sequência didática aqui relatada será sobre um dos últimos temas que tivemos antes das avaliações finais do semestre.

A ideia inicial nessas últimas aulas era trabalhar a estrutura familiar e a velhice da população brasileira, as mudanças ocorridas entre a década 30 até os dias atuais, relacionando as características da população entre esses tempos.

Desenvolvimento:

O desenvolvimento das aulas, foi sendo apresentado aos alunos alguns conceitos como o crescimento natural, a distribuição da população, as estruturas etárias etc. Esses e outros conceitos já tinham sido trabalhados durante outras aulas para assimilarem melhor o estudo da população como um todo.

Iniciei o tema com os alunos. Com o auxílio de slides na sala de aula, apresentei diversas fotos de famílias reunidas, umas mais antigas, da década de 30, outras atuais, instigando-os a perceber se havia alguma diferença entre as imagens mostradas e para que trouxessem suas ideias e suposições.

Figura 7 - Slide sobre as famílias em 1930.



Família brasileira na década de 1930

Após a análise, foi percebido e falado por alguns alunos de que havia uma diminuição das famílias brasileiras entre o período da década de 30 até os dias atuais.

Figura 8 - Slide sobre as famílias atualmente.



Família brasileira atualmente

Segui instigando para que entendêssemos os motivos que levaram essa população, ou no caso, as famílias brasileiras a diminuir de tamanho. E então vieram respostas como: a vida das famílias que viviam na zona rural, época que era comum as famílias serem numerosas, e no contexto de hoje vivem a maioria nas cidades.

Com o auxílio de tabelas e gráficos, mostrei para eles como eram as estruturas familiares e quais as razões durante esses períodos. Entre as razões foram falados sobre o acesso aos serviços básicos de saúde e saneamento básico.

Figura 9 - Slide sobre a evolução da população urbana regional.

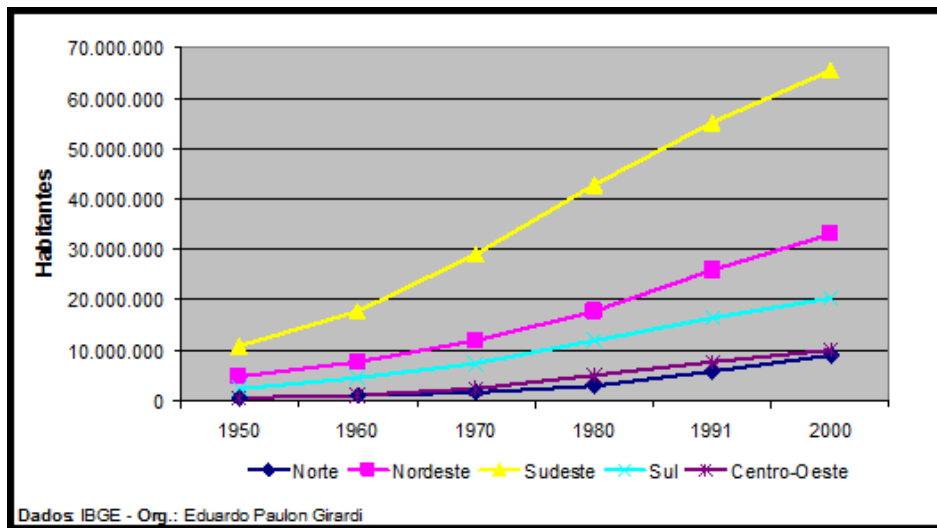


Figura 10 - Slide sobre a evolução da população rural regional.

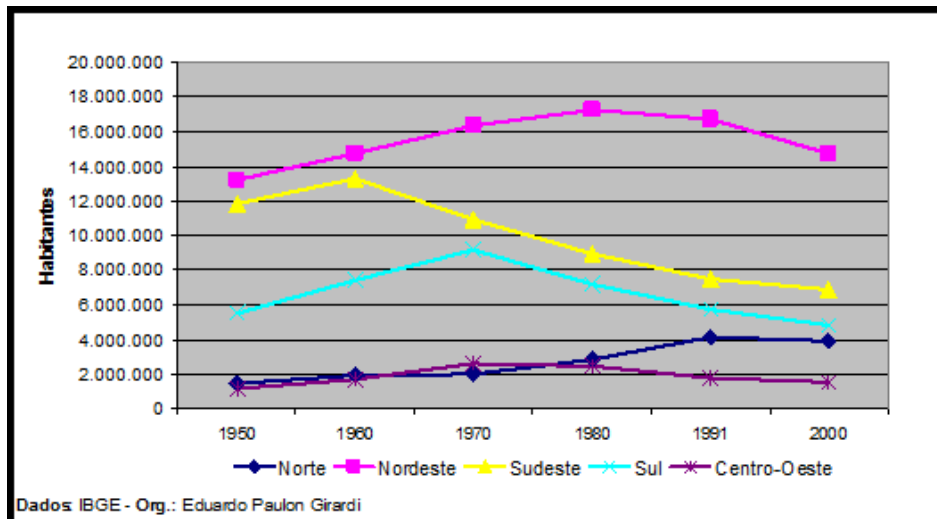
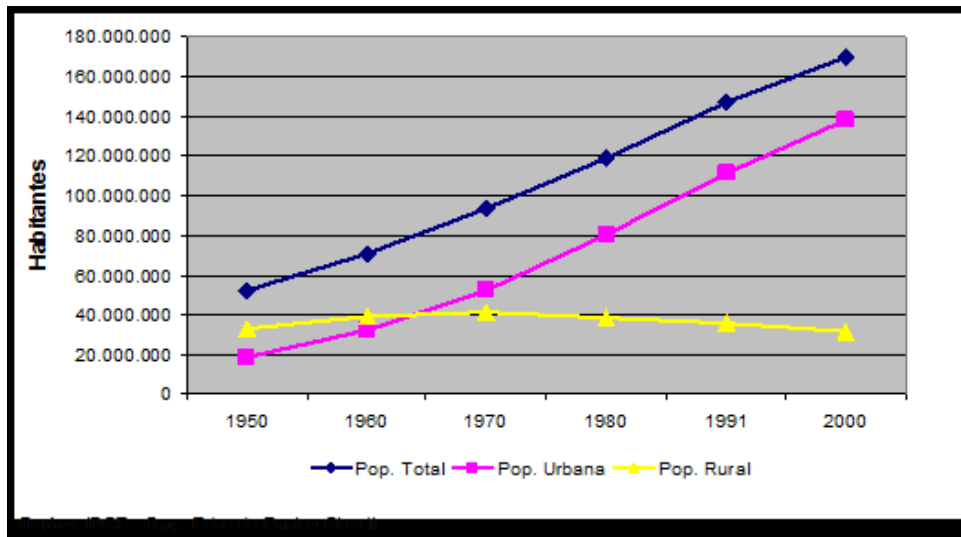
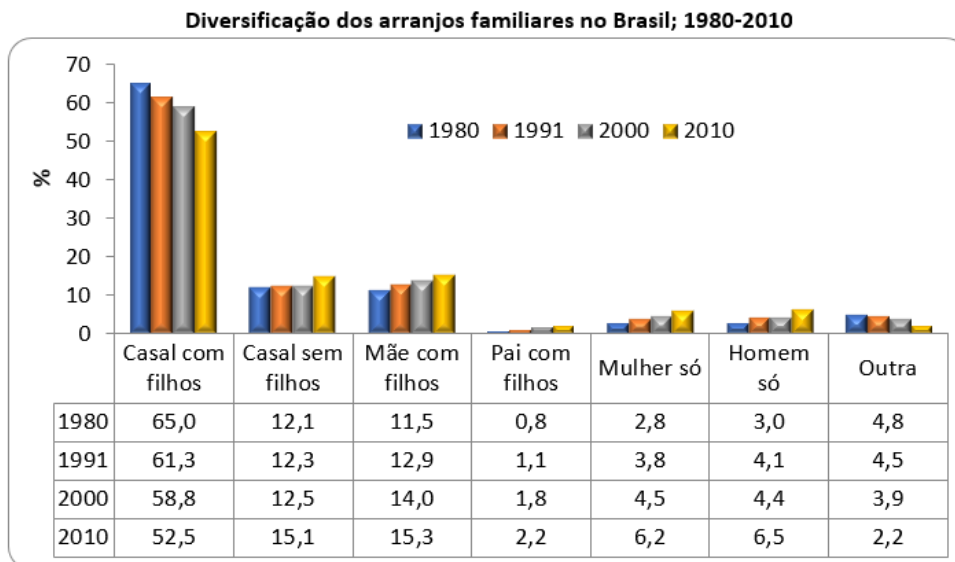


Figura 11 – Slide do gráfico apresentando a evolução total da população.



Todas as ideias e suposições eram registradas no quadro para que pudéssemos entender posteriormente o que estava sendo construído em conjunto com a turma.

Figura 12 - Slide apresentando a diversidade das famílias brasileiras de 1980 a 2010.



Fonte: IBGE, Censos demográficos de 1980 a 2010.

Após a explanação sobre a transição demográfica e as mudanças nas estruturas familiares colocamos os motivos de como é a família brasileira atual, como ela está formada, além da estrutura etária da população, o aumento de idosos e da expectativa de vida.

Figura 13 - Slide apresentando a notícia do aumento da população idosa.

População idosa sobe para 15,1% em 2022, diz IBGE

O percentual era de 11,3% há 10 anos, em 2012. Proporção de pessoas abaixo dos 30 anos de idade caiu de 49,9% em 2012 para 43,3% em 2022.

Por g1

16/06/2023 10h56 · Atualizado há 5 meses

Veja abaixo a proporção da população brasileira por idade:

- 0 a 4 anos: 6,8%;
- 5 a 17 anos: 17,9%;
- 18 a 24 anos: 10,6%;
- 25 a 39 anos: 23,9%;
- 40 a 59 anos: 25,6%;
- 60 anos ou mais: 15,1%.

Atividade:

Para a atividade prática da aprendizagem baseada em problemas, fizemos a divisão dos grupos para pesquisar informações sobre o assunto: A velhice e o aumento da expectativa de vida da população brasileira. Cada grupo deveria pesquisar sobre um determinado tema. As perguntas eram norteadoras para que os grupos fizessem a pesquisa e então trouxesse para a discussão questões relevantes em cada tema apresentado. Os temas eram:

Infraestrutura Urbana:

- Quais são as principais modificações urbanas identificadas em decorrência do aumento da população nas grandes cidades?
- Como o aumento da população idosa impactou a infraestrutura urbana das cidades brasileiras?
- Existem exemplos específicos de adaptações nas áreas urbanas para atender às necessidades crescentes da população, especialmente dos idosos?

Família:

- De que forma os perfis familiares foram modificados em resposta ao envelhecimento da população no Brasil?

- Como se estrutura a família brasileira atualmente diante do aumento da expectativa de vida?
- Há mudanças perceptíveis nos papéis e responsabilidades dos membros da família em relação ao cuidado com os idosos?

Seguridade Social / Aposentadoria:

- Quais são as principais modificações em políticas públicas relacionadas à aposentadoria e seguridade social no contexto do envelhecimento da população?
- Como as leis foram ajustadas para lidar com as demandas crescentes geradas pelo aumento da expectativa de vida?
- Existem novos programas ou benefícios implementados visando melhorar a segurança social dos idosos?

Lazer:

- Como o lazer é afetado pelo aumento da população idosa e sua influência nas atividades recreativas?
- Existem iniciativas específicas voltadas para proporcionar oportunidades de lazer adaptadas às necessidades dos idosos?
- Houve mudanças nas ofertas de lazer nas comunidades em resposta ao envelhecimento da população brasileira.

Síntese:

Após a pesquisa houve a síntese das aulas para a discussão sobre as informações levantadas pelos alunos e suas conclusões. A revisão dos conceitos falados, destacando o aumento da expectativa e a diminuição da natalidade. Assim, todos eles registram em seus cadernos como essas situações afetam o crescimento da população.

5 CONSIDERAÇÕES NÃO TÃO FINAIS

Na conclusão deste trabalho, é possível avaliar que os objetivos propostos foram atingidos e houve um maior entendimento sobre o que se propõe nas metodologias ativas e no ensino de geografia: análise do seu uso, reflexões e possibilidades para a educação, assim como os objetivos específicos. Dentro das possibilidades de pesquisa, além do desenvolvimento do trabalho, foi possível compreender mais sobre como o ensino de Geografia pode ser inserido nas metodologias ativas, tendo como base a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

A contextualização das temáticas na área da Geografia que proporcione um entendimento sobre aquilo que os alunos vivem diariamente, o seu entorno, proporcionando assim um conhecimento de forma mais significativa para todos.

A compreensão de que a aprendizagem vai além da transmissão de conhecimento, o ensino tradicional precisa ser repensado, trazendo novas ideias, novos elementos sendo um ponto interessante a ser abordado neste trabalho.

As práticas aplicadas em sequências didáticas, mostram-se interessantes para o desenvolvimento de habilidades. Podemos dizer que essa integração de atividades, discussões e reflexões contribui para a formação de alunos com uma maior autonomia.

Explorando o impacto das sequências didáticas questiono quais outras habilidades podem ser desenvolvidas nos alunos. Como essas práticas podem contribuir para o pensamento geográfico ou para uma maior autonomia dos estudantes? Como podemos aprimorar essas sequências didáticas para fortalecer ainda mais o aprendizado dos alunos?

Existe a necessidade de pensar sobre como essa pesquisa moldou minha percepção sobre a educação e vejo como esses aprendizados e reflexões pretendo acrescentar em minha jornada como educador. Como posso contribuir para um desenvolvimento nas próximas práticas pedagógicas em uma educação mais envolvente e relevante? São questionamentos a serem analisados num futuro.

Os objetivos propostos no trabalho ao analisar as metodologias ativas no processo de ensino e aprendizagem, utilizando como experiência o Residência Pedagógica, foi de alguma forma o início para que a pesquisa desse andamento. Direcionou a forma como as práticas no ensino de Geografia seguem deixadas de lado e como elas podem ser aproveitadas de melhor forma dentro de qualquer contexto educacional. Vimos que as metodologias ativas podem ser aplicadas num contexto específico como a EJA, ampliando o entendimento sobre essas abordagens metodológicas.

Nos objetivos específicos, identifiquei e revisei algumas das principais metodologias ativas aplicadas no contexto para o ensino de Geografia, trazendo suas características para uma aprendizagem mais significativa para os alunos. O que também colaborou para os outros objetivos como a análise das metodologias na motivação dos alunos em relação ao seu aprendizado e identificá-los. Vimos os problemas e as limitações que as práticas impõem, os desafios, trazendo para o estudo, recomendações e sugestões para melhorarmos como profissionais da educação e professores.

A proposição de percursos para tornar o processo de ensinar e aprender mais qualificado representou não apenas uma síntese de nossas descobertas, mas também um convite para a reflexão e a ação futura. Cada objetivo desempenhou um papel crucial no desenvolvimento da pesquisa, fornecendo uma estrutura sólida e direcionada para a investigação.

A experiência com os alunos da EJA, principalmente sendo em uma escola pública, nos desafia a sermos professores extremamente criativos, pois o contexto que ali se apresentou, tenho certeza de que me ajudou a entender melhor a identidade docente. Cada interação, cada aula apresentada aos alunos, fez parte do processo para analisar a educação e a seu emaranhado de complexidades. Pela falta de tempo, por possuir poucos alunos em sala, pelos períodos terminarem próximo das 22h, houve desafios para a montagem de alguns planos, adaptações que fazem parte do desenvolvimento das aulas, e claro, que em alguns momentos, acabaram não dando certo.

Ao entrar na sala e conhecer, um pouco, os poucos alunos que faziam parte da turma, me deparei com algumas histórias, além dos esforços para estarem naquele espaço, entre aqueles que estavam presentes, compartilhamos nossas experiências diárias. E é claro que essas experiências nos levam a fazer perguntas a partir do momento em que não faço mais parte daquele espaço. Eu, como professor, não apenas reproduzi padrões educacionais que há anos estão estruturados nas escolas e no sistema de ensino? Eu consegui minimamente fazer a diferença para os alunos que ali estavam? Proporcionei algo que possa ser utilizado nas suas rotinas? São dúvidas que ficarão para pensarmos e importantes para o meu aprendizado.

Existem outras questões mais amplas em relação a escola, em relação ao ensino, em relação a própria Geografia que pelo trabalho aqui proposto, sempre devemos questionar. Será que o sistema educacional está realmente preparado para atender às necessidades de alunos tão

diferentes uns dos outros como a da EJA? Será que estamos colaborando para dar oportunidades de aprendizado para todos?

Ensinar Geografia nas escolas é muito mais do que trazer mapas e globos para a sala de aula. Mas, será que estamos aproveitando todo o potencial dessa disciplina? Estamos explorando questões sociais, econômicas e ambientais em nossas aulas de Geografia? Ou estamos negligenciando temas importantes que poderiam inspirar os alunos aqueles que fazem a diferença na sociedade? São essas reflexões importantes que nos levam a questionar não apenas o que fazemos em sala de aula, mas também o porquê e para quem fazemos.

A produção deste trabalho ajudou significativamente a compreender um pouco mais em como podemos contribuir para melhorias na educação, mas principalmente abrindo possibilidades de debates sobre o uso de metodologias ativas na continuidade das experiências práticas e o estudo mais aprofundado sobre os impactos que essas abordagens possuem no desenvolvimento de alunos. No final, entendi que não foi apenas um trabalho acadêmico, mas também uma reflexão sobre a minha jornada como aluno e professor.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular - BNCC, 2018. Disponível em: <http://download.basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 15/01/2024.

CALLAI, Helena Copetti. **A formação do profissional da geografia: o professor**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2021.

CASTELLAR, Sonia M. Vanzella. **Metodologias ativas: introdução**. 1. ed. São Paulo: FTD, 2016. Disponível em: www.ftd.com.br.

CASTELLAR, Sonia M. **Metodologias ativas: sequências didáticas**. 1. ed. São Paulo: FTD, 2016. Disponível em: www.ftd.com.br.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos *et al.* **Paisagem : importância na leitura das espacialidades : fazendo e acontecendo no ensinar e aprender Geografia**. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2023.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; COSTELLA, Roselane Zordan. **Brincar e cartografar com os diferentes mundos geográficos: a alfabetização espacial**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; VICENTE, Nataniel Antonio. Um diário de aventuras: a alfabetização espacial na aprendizagem na educação de jovens e adultos – EJA. *In*: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos *et al.* (org.). **Movimentos para ensinar Geografia - oscilações**. Porto Alegre: Editora Letra1, 2016. p. 1–312.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Contribuições do pensamento geográfico para o ensino e a pesquisa. *In*: PINHEIRO, Antonio Carlos; ALMEIDA, David Luiz Rodrigues

de (org.). **Contribuições do pensamento geográfico para o ensino e a pesquisa.** Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2021. p. 1–227.

COPATTI, Carina. O pensamento geográfico na formação de professores e na docência em Geografia. *In: CONTRIBUIÇÕES DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO PARA O ENSINO E A PESQUISA.* Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2021. p. 1–227.

DIESEL, Aline; BALDEZ, Alda Leila Santos; MARTINS, Silvana Neumann. Os princípios das metodologias ativas de ensino: uma abordagem teórica. *Revista Thema: Instituto Federal Sul-rio-grandense, Pelotas*, v. 14, n. 1, p.268-288, 2017

MORAES, Jerusa Vilhena de. **A alfabetização científica, a resolução de problemas e o exercício da cidadania: uma proposta para o ensino de Geografia.** 2010. 1–246 f. Tese de Doutorado - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

NETO, Daniel Rodrigues Silva Luz. **Mobilização do pensamento geográfico: prática educativa de professores de geografia no ensino fundamental.** Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2022.

NÓVOA, António. **Desafios do trabalho do professor no mundo contemporâneo.** São Paulo: Sinpro, 2007.

NÓVOA, António. **Escolas e professores proteger, transformar, valorizar.** Salvador: SEC/IAT, 2022.

PINHEIRO, Antonio Carlos; ALMEIDA, David Luiz Rodrigues de. **Contribuições do pensamento geográfico para o ensino e a pesquisa.** Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2021.

SANTOS, Leonardo Pinto dos *et al.* **Os caminhos passam pel@s alun@s: saberes e (des)construções nas aulas de Geografia.** Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2022.

VESENTINI, José William. **Repensando a geografia escolar para o século XXI**. 1. ed. [S. l.]: Pleiade, 2009.